

**III CONGRESSO
INTERNACIONAL DE
FILOSOFIA INTERCULTURAL**

&

**VII JORNADA DE
FILOSOFIA ORIENTAL
DA USP**

**Ensino de Filosofia
Intercultural**

26 a 30 de agosto de 2024
Universidade de São Paulo (USP)

**Sala 8 do Conjunto Didático de Filosofia e Ciências
Sociais da FFLCH-USP**

Evento híbrido (Presencial e online)

Para conferir mais
informações
acesse o QR Code:



Organização:
Associação Latino-Americana de
Filosofia Intercultural (ALAFI)
Coordenação:
Marcus Sacrini (DF/FFLCH-USP)
Osvaldo Pessoa (DF/FFLCH-USP)



VII JORNADA DE FILOSOFIA ORIENTAL DA USP
E
III CONGRESSO DE FILOSOFIA INTERCULTURAL
DA ALAFI

Agosto 2024

Apresentação

Com o tema “Ensino de Filosofia Intercultural” visamos estimular a discussão acerca do lugar de filósofos e de tradições filosóficas não-europeias nos currículos de filosofia hoje no ensino básico e superior. Mesmo após 21 anos da publicação da Lei nº 10.639/2003 e após 16 anos da Lei nº 11.645/2008 que tornaram obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, a filosofia ainda parece ser um campo de resistência onde se persiste a defesa injustificada do ensino exclusivo do pensamento grego e às tradições europeias influenciadas diretamente por este pensamento. Felizmente, já existem algumas iniciativas individuais e coletivas que buscam abranger a diversidade cultural-filosófica de todo o mundo nos currículos de filosofia, e entendemos que este evento irá fomentar ainda mais essa mudança de perspectiva.

PROGRAMA/PROGRAM

DIA 26/08 [segunda/lunes/Monday]

8h30 - 9h	Cadastramento
9h - 11h	Mesa de comunicações 1: Ensino (Híbrido)/Communications, Table 1: Teaching
	João Carlos Barbosa Gonçalves (IEF - Universidade de Coimbra) <i>Algumas observações linguísticas sobre o ensino da literatura filosófica de língua sânscrita</i>
	Ricardo Valim (UNIR) <i>"Costurando saberes": Decolonialidade e descentramento epistêmico metodológico filosófico</i>
	Rosemary Marinho da Silva (UFPB) <i>O ensino de filosofia e a escola potiguara Entrançamentos de desobediência epistêmica</i>
	Luiz Felipe Brandão Augusto (UNIFESO) <i>Saberes indígenas em diálogo com arte na sala de aula</i>
11h-11h15	Intervalo
11h15 - 13h15	Mesa Redonda 1: Filosofia da África (Híbrido)/ Round Table 1: Philosophy in Africa
	Monique Whitaker (University of KwaZulu-Natal) <i>Connecting African and Western Philosophy</i>
	Manuel Cochole Ngomane (UFBA) <i>ETNOFILOSOFIA: um diálogo interperiférico entre epistemologia social africana e filosofia oriental</i>
	José Castiano (Universidade Pedagógica de Moçambique)

	<i>Filosofia Ubuntu enquanto dupla crítica</i>
13h15-15h	Almoço
15h-17h	Mesa Redonda 2: Filosofia Indígena (Híbrido)/ Round Table 2: Indigenous Philosophy
	Álvaro de Azevedo Gonzaga (PUC-SP) <i>Por uma visão decolonizadora indígena</i>
	Almires Martins Machado (UFPR) <i>Somos mbojerá: a continuação da criação</i>
	Daniel Munduruku (UFSCar, Instituto UK'A) <i>Título a confirmar</i>
17h-17h30	Intervalo
17h30-19h	Palestra de abertura (Presencial)/Opening Lecture
	Michiko Yusa (Western Washington University) <i>Kyakka shōko 脚下照顧 (Look down and Illuminate your path):</i> <i>The Practical Hints on Engaging in Intercultural Philosophy</i>

DIA 27/08 [terça/martes/Tuesday]

9h-11h	Mesa de comunicações 2: Pensamento ecológico (Híbrido) /Communications Table 2: Ecological Thinking
	Alonso Bezerra de Carvalho (UNESP) <i>A metafísica vegetal de Rodolfo Kusch: Reflexões para uma filosofia intercultural a partir de Abya Yala</i>
	Matheus Landau de Carvalho (UFJF) <i>Noções de natureza na escola filosófica indiana Vaiśeṣika</i>
	André Luis Fonseca Macedo (PUC-SP)

	<i>Semeando palavras originárias da terra: Cosmologia orgânica e crise ético-ecológica em Nêgo Bispo</i>
	Juliana Paola Diaz Quintero (UFU) <i>Eco-filosofias: Filosofia para questões urgentes</i>
11h-11h15	Intervalo
11h15-13h15	Mesa de comunicações 3: Filosofia Chinesa (Híbrido)/ Communications Table 3: Chinese Philosophy
	Maria Helena Diaz (Universidad de Buenos Aires) <i>Grecia o China: La absurda polémica sobre la cuna de la retórica</i>
	Maria Laura Cross (Universidad de Buenos Aires) <i>Crítica de la construcción orientalista del ‘despotismo oriental’ a partir del pensamiento político de Mencio</i>
	Pedro Regis Cabral (Universidade de Macau) <i>A filosofia como alienação do Tao: comentário de Mario Bruno Sproviero ao segundo capítulo do Dao De Jing</i>
	Otávio Maciel (UnDF/UnB) <i>Um realismo filosófico neoconfuciano? Críticas ao correlacionismo e ao antropocentrismo do budismo mahāyāna na China</i>
	Pilar Sánchez Ordoñez (Universidad de Buenos Aires) <i>La crítica de Zhao Tingyang al sistema democrático Un abordaje desde el pensamiento de Ernesto Laclau</i>
13h15-15h	Almoço
15h-17h	Mesa Redonda 3: Interdependência, Decolonialidade e Feminino na Filosofia Budista (Presencial) / Round Table 3: Interdependence, Decoloniality and the Feminine in Buddhist Philosophy

	Ethel Panitsa Beluzzi (Sakyadhita São Paulo) <i>O conceito de interdependência (pratityasamutpada) no Salistamba Sutra</i>
	Loyane Ferreira (Sakyadhita São Paulo) <i>Considerações a partir do conceito de Trilakṣaṇa: uma voz budista na discussão decolonial</i>
	Fernanda Coelho (Sakyadhita São Paulo) <i>Os Dez Caminhos das ações-virtuosas e os Dez caminhos das ações não-virtuosas: uma hermenêutica feminista</i>
17h-17h30	Intervalo
17h30-19h30	Mesa Redonda 4: Filosofia Islâmica, Judaica e Persa (Presencial) /Round Table 4: Islamic, Jewish and Persian Philosophy
	Cecília Cavaleiro (UNIFESP) <i>Para além da ortodoxia medieval: origem e dignidade da matéria em Ibn Gabirol</i>
	Jamil Iskandar (UNIFESP) <i>A Filosofia Transcendental de Mulla Sadra</i>
	Daniel Rodrigues de Assis Martins (UNIFESP) <i>O Papel de Intelectuais Judeus em Reformulações Italianas do Neoplatonismo de Al-Andalus</i>

DIA 28/08 [quarta/miércoles/Wednesday]

9h-11h	Mesa de comunicações 4: Filosofia Indiana (Híbrido) / Communications Table 4: Indian Philosophy
	Rogério Soares da Costa (UERJ) <i>Ādi Śaṅkarācārya e os fundamentos escriturísticos e experienciais do Advaita Vedānta</i>
	Alina Silva Sousa de Miranda (UFJF)

	<i>Śaṅkara e o conceito karmayoga no Bhagavadgītābhāṣya</i>
	Gabriela Müller (Universidad de Buenos Aires) <i>La unidad del hinduismo: Problemas y perspectivas</i>
	María Luz Pedace (Universidad de Buenos Aires) <i>Devoción es conocimiento: Una aproximación al concepto de bhakti en Śaṅkara</i>
	Martín Emilio Rosana (Universidad de Buenos Aires) <i>“El amor es un tipo particular de cognición (prītiśca jñānaviśeṣa eva)”: Conocimiento y afectividad en la conclusión del Vedārthasaṃgraha de Rāmānuja</i>
11h-11h15	Intervalo
11h15-13h15	Mesa Redonda 5: Filosofía Latino-Americana (Híbrido) / Round Table 5: Latin-American Philosophy
	Frederik Moreira (UFRB) e Andreza Bispo dos Anjos Santos (UFBA) <i>Tecituras da Natureza: narrativas mitológicas de base naturalista em comunidades Iorubás no Brasil</i>
	Giselle Moura Schnorr (UNESPAR) <i>Ensino de Filosofia no Brasil, Desafios e Possibilidades do Filosofar Interculturalmente</i>
	Elizia Cristina Ferreira (UNILAB) <i>“Poéticas telúricas entre o Noroeste Argentino (NOA) e o Recôncavo Baiano”</i>
13h15-15h	Almoço
15h-17h	Mesa redonda 6: Filosofía Indiana (Híbrido) / Round Table 6: Indian Philosophy
	Danillo Costa (PUC-SP) <i>Consciência de Si e Constituição de Mundo na Filosofia do Reconhecimento</i>

	Dilip Loundo (UFJF) <i>A Encruzilhada do 'Eu' (aham) na filosofia dos Upanisads: Do orientalismo da 'Extinção' à pedagogia do 'Esclarecimento'.</i>
	Leonardo Alves Vieira (UFMG) <i>O Real e o Irreal: Hegel e Nagarjuna Sobre a Percepção</i>
17h-17h30	Intervalo
17h30-19h30	Mesa Redonda 7: Filosofia Chinesa / Round Table 7: Chinese Philosophy
	Caroline Ting (UFRJ) <i>Embracing Impermanence: The Intersection of Movement, East Asian Arts, and Wabi-Sabi Aesthetics</i>
	Flávio Tonetti Américo (UFV) <i>Alguns apontamentos sobre a filosofia chinesa na arte contemporânea</i>
	Ho Yeh Chia (USP) <i>A questão do Rito em Mêncio</i>

DIA 29/08 [quinta/jueves/Thursday]

9h-11h	Mesa de comunicações 5: Feminismo e o Feminino na Filosofia / Communications Table 5: Feminism and the Feminine In Philosophy
	Ana Beatriz Chagas Mello · (UNIFESP) <i>Meliselda explorando o feminino e a messianidade nas tradições cabalísticas de Sabbatai Şevi</i>
	Milena Oliveira Pires (UFBA) <i>Qual é a natureza opressiva da opressão epistêmica?</i>

	Carla de Brito Nascimento (UFU) <i>Narrativas de Poder: Escrivência e Feminismo Negro na Filosofia</i>
11h-11h15	Intervalo
11h15-13h15	Mesa Redonda 8: Ensino de Filosofia intercultural (Presencial) / Round Table 8: Intercultural Teaching of Philosophy
	Lucas Nascimento Machado (USP) <i>A Filosofia Como Modo de Vida Como Chave de Leitura e Ensino da História da Filosofia</i>
	Matheus Oliva da Costa (USP) <i>Experimentos de pensamento no ensino intercultural de Filosofia</i>
	Amanda Sayonara Fernandes Prazeres (UPF) <i>Pensando o Ensino de Filosofia</i>
13h15-15h	Almoço
15h-17h	Mesa Redonda 9: Ensino de Filosofia Intercultural 2 (Híbrido) / Round Table 9: Intercultural Teaching of Philosophy 2
	João Alves de Souza Neto (UNICAMP) <i>Uma concepção de comunidade para o ensino de filosofia em uma perspectiva intercultural</i>
	Francisco Silva (UFCA) <i>A inserção do ensino de Filosofia Intercultural na UFCA</i> Daniel Confortin (UPF) <i>Título a confirmar</i>

17h-17h30	Intervalo
17h30-19h30	Plenária da ALAFI (Presencial) / ALAFI's Plenary
19h30-20h30	Lançamento de Livros / Book Launch

DIA 30/08 [sexta/viernes/Friday]

9h-11h	Mesa de comunicações 6: Filosofia budista e Escola de Kyoto (Híbrido) / Communications Table 6: Buddhist Philosophy and Kyoto School
	Vitor Martins Pombo (UFMG) <i>Uma introdução ao capítulo 21 do Sutra do Diamante: Camadas de interpretação da palavra dharma</i>
	Daniel Soares Saldanha (UFF) <i>A teoria dos dharmas e o seus impactos na filosofia yogācāra de Vasubandhu</i>
	Artur Ribeiro de Mendonça Cardoso (USP) <i>Nishida, Hegel e a dialética entre o ser e o nada</i>
	João Vítor Leal Sant' Anna (UFMG) <i>Nāgārjuna quântico?</i>
11h-11h15	Intervalo
11h15-13h45	Mesa Redonda 10: Filosofia Japonesa (Híbrido) / Round Table 10: Japanese Philosophy
	Felipe Ferrari (Universidade de Yokkaichi, Japão) <i>O colonizador colonizado: o Niponismo como uma forma Fascismo em “A Ideologia Japonesa” de Tosaka Jun</i>

	Joaquim Monteiro (Seminário Brasileiro de Estudos Internos) <i>Marx e Shinran: rumo a uma filosofia mundial</i>
	Takeshi Morisato (University of Edinburgh) <i>Decolonising the Empires with Indigenous and Japanese philosophies: Beyond the Binary of the Peripheral and the Centre</i>
	Diogo Cesar Porto da Silva (UFRJ) <i>Escola de Quioto: uma revisão para quem e além do "Nada Absoluto"</i>
13h45-15h	Almoço
15h-17h	Mesa redonda 11: Filosofia Budista (Híbrido) / Round Table 11: Buddhist Philosophy
	Paulo Junio de Oliveira (Seminário de Estudos Brasileiros) <i>Consequência lógica e falácias segundo Hetucakra de Dignaga: quando um argumento é válido de acordo com a lógica?</i>
	Carlos Barbosa Cepeda (Universidad Pedagógica de Colombia) <i>O que significa entender? Reconsiderar a perspectiva conceitualista da compreensão desde Nagarjuna</i>
	Giuseppe Ferraro (UFMG) <i>Devadatta não está em casa: Por que os madhyamikas não se sentem niilistas</i>
17h-17h30	Intervalo
17h30-19h	Palestra de encerramento (Presencial) / Closing Lecture
	Lo Yuet Keung (National University of Singapore) <i>Chinese Philosophy in Living Fossils: What the Sinitic Graphs Could Tell Us</i>

Nome: João Carlos Barbosa Gonçalves

Instituição: FFLCH-USP IEF

E-mail: joaocbgon@gmail.com

Título: Algumas observações linguísticas sobre o ensino da literatura filosófica de língua sânscrita

Resumo: Esta comunicação apresenta algumas observações provenientes de minha experiência no ensino de literatura filosófica de língua sânscrita no contexto acadêmico e extra-acadêmico. As dificuldades envolvidas na compreensão de qualquer sistema filosófico antigo envolvem elementos internos aos seus conceitos e também os elementos externos, entre outras razões, em virtude de contrastes radicais entre a cultura que observa e a cultura que é observada. São problemas interdependentes que exigem o amparo de um conjunto expressivo de disciplinas, seja na esfera de sociedades que se autodeterminam como herdeiras do conhecimento estudado, como a academia europeia diante do estudo de filosofia grega, seja no contexto de origens consideradas diversas, como no estudo das filosofias em língua sânscrita feito por culturas de outras matrizes. A Linguística, a Semiótica e a Análise do Discurso de linha francesa apresentam-nos instrumentos para a abordagem dessas obras com a formulação de algumas questões, e por vezes respostas, que podem colaborar com nossa leitura, tradução e ensino de textos antigos, de modo a situá-los em suas redes de significação nativas. Apresentarei, para tal fim, algumas construções teóricas, com exemplos extraídos da análise de obras sânscritas antigas, especialmente do Pāṭaṅjalayogaśāstra (c. IV EC). Os campos teóricos provenientes das contribuições de Mikhail Bakhtin, com seus conceitos de dialogismo, interdiscursividade e heterogeneidade constitutiva, oferecem-nos instrumentos para lidar com o diálogo polêmico ou concordante entre textos, as influências entre sistemas filosóficos e a forma de sua enunciação organizar-se. O conceito de gênero discursivo, da Análise do Discurso, amplia os horizontes relativos à função – descritiva, normativa, soteriológica, didática, etc. – de uma determinada obra, ou conjunto de obras, em sua sociedade, e propõe questões relativas à noção de autoria, ethos e individualidade dentro de seus respectivos momentos históricos. O mesmo pode-se dizer de seus destinatários, isto é, para quem são compostos e quais competências esses textos pressupõem de seus interlocutores. A partir de instrumentos teóricos tais como os mencionados, estrutura-se nossa intervenção relativamente ao ensino de Filosofia, a qual procura amparar o entendimento a respeito dos textos e os valores que eles possuem de acordo com seus momentos históricos e os indivíduos que os transmitem e os recebem. Paradoxalmente, o uso desses instrumentos estranhos à literatura em estudo tem o propósito fundamental de ampliar nossa compreensão de como era o pensamento antigo expresso em língua sânscrita, sob sua própria identidade e seus valores nativos. Sob essa ótica, nossos objetos de estudo apresentam-se como modelos didáticos, isto é, podem ensinar-nos a ensiná-los, tendo em vista seus conceitos de alteridade plural, sua preocupação com a própria transmissão e o cuidado com quem os recebe.

Palavras-chave: Filosofias da Índia, Sânscrito, Linguística, Yoga, Cuidado.

Nome: Ricardo Valim

Instituição: UNIR

E-mail: ricardovalimfilosofia@gmail.com.

Título: Projeto “costurando saberes”: decolonialidade e descentramento epistêmico metodológico filosófico

Resumo: Objetiva-se analisar a realização do Projeto de Ensino “Costurando Saberes” no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia Câmpus Porto Velho Calama nos anos de 2023 e 2024. Tal análise justifica-se pelo potencial de inovação e iniciação científica decolonial que o projeto possui para estimular a formação de novos pesquisadores e pesquisadoras. A metodologia utilizada neste projeto contou com a disponibilização de livros especializados para a comunidade discente do Curso Superior de Engenharia Química do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, além de

demais materiais coletados em pesquisas realizadas pelos próprios alunos. Foi também preocupação da coordenação do Projeto que os discentes tivessem espaços para atendimento e compartilhamento de informações cujo usufruto viesse a contribuir para o aprofundamento das discussões e consequentemente a produção científica. Os resultados obtidos revelam um processo de iniciação e produção acadêmica que tem sido apreciada em eventos regionais, nacionais e internacionais pelo seu caráter de abranger a diversidade cultural filosófica e ampliar a percepção do currículo de filosofia. Foram publicados dois livros compostos de artigos na perspectiva decolonial elaborados pela comunidade discente e docente do Curso Superior de Engenharia Química do IFRO Câmpus Porto Velho Calama. Conclui-se que projetos que visem o estímulo da criatividade e valorização dos saberes dos povos indígenas e da própria comunidade discente tendem a serem melhor aceitos e compreendidos. Projetos que partem da realidade de cada discente como é o caso do Projeto “Costurando Saberes” são bem-sucedidos porque simplesmente fazem sentido e permitem que cada discente seja ele mesmo o protagonista de sua pesquisa. Desta forma decoloniza-se os saberes reconhecendo as epistemologias próprias dos povos indígenas e de cada discente revelando seu potencial e estimulando-o para as vivências do mundo científico sem a perspectiva de bloquear sua inteligência. O Projeto de Ensino “Costurando Saberes” é uma importante ferramenta na busca pela superação do império hegemônico cognitivo ocidental no qual persiste a defesa e valorização do ensino exclusivo do pensamento grego e das demais tradições e correntes filosóficas europeias influenciadas diretamente ou indiretamente pelo mesmo pensamento helênico.

Palavras-chave: Autoria; Autenticidade; Epistemologia Indígena.

Nome: Rosemary Marinho da Silva

Instituição: UFPB

E-mail: rosemariamarinhodasilva@gmail.com

Título: O ensino de filosofia e a escola potiguara – entrançamentos de desobediência epistêmica

Resumo: O conceito intercultural pode apontar um passo no caminho desobediente da decolonialidade. Ele nasce no contexto das lutas por “políticas públicas orientadas à promoção de diferentes grupos socioculturais” (CANDAU, 2020, p. 679). Pois, é forjado na constatação de que se uma cultura é posicionada como menor, se adaptando a tal posição, há apenas monólogos, cópias de cópias (DUSSEL, 1986) subordinadas ao conhecimento posicionado como original. Para Gadotti (2009), numa educação, que tem como princípio a interculturalidade, as atitudes de abertura e escuta podem efetivar o direito ao diferente e à diferença, por partir da compreensão de que grupos sociais e indivíduos se auto reconhecem singulares. Segundo a pensadora indígena Graça Graúna é imprescindível, numa educação intercultural, “observar a relação entre identidade, auto-história, deslocamento e alteridade entre outras questões que se depreendem da poesia e da narrativa” (2013, p. 16) indígenas. Nesse sentido, desobedecer aponta uma dimensão de construção de conhecimentos que revela “a identidade escondida sob a pretensão de teorias democráticas universais, ao mesmo tempo que constrói identidades racializadas que foram erigidas pela hegemonia das categorias de pensamento, histórias e experiências do ocidente” (MIGNOLO, 2008, p. 293). Por isso, conhecimentos, saberes, técnicas auto afirmadas, pelos povos indígenas, podem favorecer um posicionamento de seleção daqueles conhecimentos não-indígenas que venham a fortalecer e ampliar seus saberes e, do mesmo modo, questionar o racismo estrutural (ALMEIDA, 2020), fundado no projeto de humano europeizado como o único e verdadeiro modo de ser, presente em diversos conhecimentos e técnicas não-indígenas. Nessa direção, re-perceber e repensar a educação escolar indígena, presente nas vozes de professoras/es Potiguara, revela-se como elemento de descrição da efetivação das escolas estaduais enquanto desobediência epistêmica. Como professoras/es refletem a chegada das escolas estaduais em suas aldeias? O que a escola passa a representar? A presença da cultura Potiguara-PB na escola através de disciplinas, revela um re-significar o processo de escolarização. Como afirma Usá (Caranguejo), da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Cacique Iniguaçu: “a escola existe por uma necessidade do reconhecimento, da valorização

cultural do povo Potiguar. (...) vem servindo para que o aluno se sinta capaz de acreditar no futuro melhor, existindo uma organização onde norteie projetos no âmbito social e cultural” (2021). A escola, e nela o componente filosofia, se tornam lugares de re ocupação, de retomada, de urgência, de consciência de “escola sucateada (...), quebrada” (PIRAPU’AMA, 2021) que pode ser refeita para cultivar “conhecimentos das diferentes áreas dos conhecimentos científicos das sociedades indígenas e não indígenas numa perspectivas de progressiva autonomia que oferecem os laços de solidariedade familiar, comunitária e social” (USÁ, 2021). O professor Mangangá (Besouro) afirmou que “filosofia foi para o pensamento do estudante ser capaz de abrir o leque e ser capaz de pensar, de agir da maneira dele e não ser levado por outros pensamentos, mas pelo próprio pensamento dele”. Portanto, filosofia, no contexto da escola Potiguar, se torna auxiliadora no crescimento intelectual de estudantes Potiguar-PB para desobedecerem e teimarem na construção de outros modos de estar/ser na vida dentro e fora das aldeias.

Nome: Dr Monique Whitaker

Instituição: University of KwaZulu-Natal

Título: Connecting African and Western Philosophy

Resumo: There has long been debate in Western philosophy about the status of African philosophy—whether it should be seen as a genuinely philosophical tradition or dismissed as parochial ethnophilosophy. Even though this debate is largely regarded as a closed one among those engaged in African philosophy, and even those doing more Western-derived philosophy in Africa, there are prominent Western philosophers working in the global north, who continue to dismiss the legitimacy and importance of African philosophy. While there is a long history of African philosophers seeking out connections with Western philosophy and philosophers, there has been very little reciprocation, leading to a decidedly one-sided conversation. In this talk, I discuss the work I have done to try to put philosophers working in African and Western philosophical traditions into conversation with one another. This project began with a conference bringing together philosophers working in both traditions on the philosophy of language, logic, and metaphysics. From this, I worked with Jonathan Chimakonam to edit a volume with works that link African and Western philosophy—written not just by philosophers working in African philosophy trying to reach out, but also Western philosophers incorporating African approaches. What this has revealed, is that there is clear value in connecting these two seemingly disparate traditions. Since the advent of European colonisation of Africa, and continuing to this day, there has been an assumption of the value and importance of Western philosophy, and of its value to African philosophy. Recognition of this is evident in all the engagement of African philosophers with issues in Western philosophy. However, even among those working in the Western tradition who fully acknowledge the value of African philosophy, there has been little attempt to consider how insights from this tradition may benefit Western philosophical thought. In fact, there is a great deal to be learnt, which I discuss in relation to my own work in the tradition of Western analytic philosophy, on the philosophy of language and logic.

Nome: Manuel Cochole Paulo Gomane

Instituição: UFBA

Título: ETNOFILOSOFIA: um diálogo interperiférico entre epistemologia social africana e filosofia oriental

Resumo: Acusado de ser um paradigma ético, essencializante, racializante, identitário, e, depois de fervorosos debates entre os intelectuais africanos (a denominada biblioteca crítica), o conceito de etnofilosofia entra na geografia do conhecimento global, a partir dos anos noventa, particularmente pela enciclopédia filosófica universal. Procedente da construção da gnose africana e da problemática acerca da existência ou não da filosofia em África, a etnofilosofia se torna no maior dos legados entre os paradigmas atuantes na filosofia africana contemporânea. Desta forma, “a filosofia chinesa através de alguns especialistas procura ao exemplo da etnofilosofia traduzir em filosofemas sistemáticos, certos discursos não rigorosamente filosóficos – mitos, crenças e especulação religiosa, tratados de sabedoria chinesa – ao modelo da etnofilosofia (estou falando da “filosofia das nacionalidades chinesas”). Neste diálogo interperiférico, tenho como objetivo (i) fazer uma breve leitura da história da filosofia africana através do que denominarei por epistemologia social africana; (ii) analisar os elementos, aspectos epistêmicos, a noção axiológica e a perspectiva cultural que caracteriza as condições de possibilidade da etno-filosofia africana e chinesa na desconstrução da matriz colonial do poder. Com este projeto de pesquisa, meu objetivo é argumentar que no campo da normatividade epistêmica, “as filosofias africanas e orientais” são compostas por aspectos epistêmicos que oferecem categorias conceituais universais relevantes e fundamentais que contribuíram e continuam a responder a vários problemas e desafios da epistemologia contemporânea. Sendo estas, um campo aberto para “Diálogo Interperiférico” com as outras filosofias.

Palestra de abertura

Nome: Michiko YUSA, Professor Emerita

Instituição: Western Washington University

Título: "*Kyakka shōko* 脚下照顧 (Look down and Illuminate your path): The Practical Hints on Engaging in Intercultural Philosophy"

Resumo: The four characters, "*kyakka shōko*," welcome visitors to Japanese Buddhist temples. This expression is variously understood to mean to "Take off your shoes and stash them on the shoe shelf," or a reminder to "Be mindful of your action." I, for one, however, take from this Chan/Zen expression a methodological hint as to how to engage in intercultural philosophy. Simply put, it is to "know thyself so that you may know the world and others in it. I will first present the episode (*Wudeng huiyuan* 『五燈會元』, 1252), in which this phrase "*kan jiao xia* (J. *kan kyakka*)" 看脚下 made its appearance. The expression, "*kyakka shōko*" 脚下照顧 is a variation of the same idea. How can this expression suggest a methodology of how to engage in intercultural philosophy? Some of you may see through my reasoning and know my conclusion right away. However, others of you may be baffled by it. Thus, let me go into it, which forms the body of my presentation. All knowledge is "comparative" in that we understand something new based on what we already know. Intercultural philosophy requires at least two foci—self-knowledge and an objective intellectual openness to the world and to the others. I will draw from my lessons I learnt during my graduate work at UC Santa Barbara, from my professors Raimon Panikkar and Ninian Smart, who were pioneers of "intercultural philosophy." (By the way, both Panikkar and Smart gave the Gifford Lectures, at Edinburgh. Smart in 1979-80: "*The Varieties of Religious Identity*," published as *Beyond Ideology: Religion and the Future of Western Civilisation*; and Panikkar in 1988-89, "*Trinity and Theism*," published as *The Rhythm of Being*.)

1. Work at least on two traditions.

2. Language (not only as academic requirements but as the integral dimension of intercultural studies): Being born in Japan, I was always eager to learn new languages, starting out with English. At UCSB, I enrolled in Sanskrit, Classical Chinese, Latin, Classical Greek, German, French, and Italian; and later, I taught myself to read Italian (by using Harry Potter Italian translation), which helped me to make sense of Spanish as well. Studying these languages gave me the conviction in the transcultural reality of "*logos*." It also cultivated my sensitivity to the nature of language, and I came to see more closely the relationship between language and culture, form(s) of thinking, behavior patterns associated with linguistic peculiarities, history, the shape of literature and poetry, and so on. Moreover, the quality of scholarly work in intercultural philosophy seems to depend greatly on the

reading proficiency of the target language(s). My experience of teaching Japanese to Northamerican students also helped me to see my own native language objectively. This systematic, logical, and grammatical approach was cathartic to me in many ways. On a philosophical level, language, thinking, and "being" (who I am, including my aesthetic taste) all hang together. Plotinus said: "Thinking (*noein*), living (*zēn*), and being (*einai*) are all together in what is real (*on*)" (τὸ νοεῖν, τὸ ζῆν, τὸ εἶναι ἐν τῷ ὄντι). (*Ennead* V.6.6:21-22)

3. The importance of multicultural (including multinational) collaborations. Panikkar used to say that a single culture could no longer have the answers to the global issues. The "imperialist" model (one country subjugating, dictating, and exploiting other countries) is no longer valid.

4. Intercultural philosophy has the interdisciplinary scope. There is no "boundaries" to living knowledge.

5. Knowledge and being: the ontology of "circuminsessio" of what one knows and what one is. Panikkar used to emphasize "**you become what you know,**" and therefore we needed to be heedful of what topic we were going to choose for our dissertation research. That I chose Nishida as the main focus of my research definitely contributed to "who I have become."

6. Common sense respect for language. Ninian Smart taught me the respect for the beauty of English language. He disliked "metaphysical" amorphousness and any attempt to endorse the use of incommunicable English prose style as the mark of "original thinking." He also practiced his sense of humor. It embodied for me the ontological secret that contributes to living a happy life—both for oneself and for those around one. A simple truth is contained in the pithy phrase: "Happy wife, happy home."

7. My own take. Follow your own hunch. Do not mechanically accept what others say as true. Always ask your own question, and do your investigation in order to substantiate or falsify the claims you encounter. Be patient and humble in this endeavor. Humility always brings about a better consequence than a blind conviction.

8. By way of conclusion, I will throw all of the above points back to the audience as "open questions." But, if it is helpful, I will pose the following three questions as the starting

Nome: Luiz Felipe Brandão Augusto

Instituição: Unifeso

E-mail: luizfelipebrandao@unifeso.edu.br

Título: Saberes indígenas em diálogo com arte na sala de aula

Resumo: O presente relato explicita uma aula teórico-prática aplicada em uma turma do 8º. ano do ensino Fundamental de um colégio privado do município de Teresópolis, RJ. Em um primeiro momento, aos estudantes foram apresentados conceitos fundamentais que constam nas obras de autores indígenas como Ailton Krenak, Daniel Munduruku e Davi Kopenawa. A cada explanação o debate foi aberto para que todos pudessem refletir, analisar criticamente, dialogar e expandir os conceitos expostos. A respeito de Ailton Krenak, foi apresentada sua tese sobre a desvinculação da humanidade à natureza, ainda tão presa às práticas predatórias do sistema capitalista – sobretudo a destruição das florestas e consequentes crises climáticas – o que configura propriamente a era do antropoceno. O que procurou se destacar na obra do escritor e ativista Daniel Munduruku foi seu reconhecimento e defesa à diversidade cultural indígena: sob linguagem leve, lúdica, com livros predominantemente voltados aos públicos infantil e juvenil, o autor aproxima os estudantes ao universo plural de nossos povos originários. Em relação ao líder espiritual e político Davi Kopenawa procurou-se trabalhar a importância da transcendência e da cosmologia dos povos indígenas manifestas na arte e suas expressões. Na segunda parte da aula, a partir de uma projeção do professor, de forma remota, os estudantes conheceram a exposição do fotógrafo japonês Hiromi Nagakura, atualmente disponível no website do Centro Cultural Banco do Brasil. Trata-se de um amplo catálogo de imagens obtidas a partir de algumas expedições que Nagakura fez sob mediação e interlocução de Ailton Krenak, nos anos 1990, aos estados do Acre, Pará, Roraima, São Paulo, Mato Grosso,

Maranhão e Amazonas; obtendo, assim, diversos registros culturais das etnias Krikati, Gavião, Yanomami, Huni Kuin, Ashaninka, Xavante e Yawanawá. Em seguida, os estudantes praticaram a técnica de monotipia botânica, a partir de folhas secas coletadas em áreas próximas ao colégio, a fim de perceberem os detalhes de arranjo estrutural desses elementos naturais de forma a complementar os diversos conceitos e ideias vistas inicialmente na aula.

palavras-chave – Educação, Arte, Monotipia, Aquarela, Filosofia

Nome: Alonso Bezerra de Carvalho

Instituição: Unesp

E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

Título: A metafísica vegetal de Rodolfo Kusch: reflexões para uma filosofia intercultural a partir de Abya Yala

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de examinar as origens e fundamentos da metafísica vegetal proposta pelo filósofo argentino Rodolfo Kusch (1922-1979), de modo a contribuir na formulação de uma filosofia intercultural. Desde suas influências filosóficas até suas experiências pessoais com as culturas indígenas da América Latina, Kusch desenvolveu uma perspectiva única sobre a relação entre o ser humano e a natureza, destacando a importância central dos elementos vegetais nessa dinâmica. Em sua obra seminal, *La seducción de la barbarie*, encontramos uma proposta hermenêutica que se ocupa de interpretar um lugar situado, como Abya Yala, a partir de um olhar profundo sobre a relação entre o ser humano e a natureza, particularmente através de sua lente única: a metafísica vegetal. De caráter teórico, a proposta é expor as principais contribuições de Kusch para este campo fascinante, mergulhando na intersecção entre a filosofia e a ecologia. Para tanto, adentraremos na intrincada teia do seu pensamento quando tece uma relação entre a natureza e a cultura, de modo que desafia as dicotomias tradicionais entre esses dois domínios, propondo uma visão holística que reconheça a interdependência entre todas as formas de vida. Além disso, examinaremos, à guisa de conclusão, como a metafísica vegetal de Kusch oferece perspectivas valiosas para repensarmos questões contemporâneas, como a crise ambiental e a busca por uma maior harmonia entre os seres humanos mundo natural. Enfim, a reflexão kuschiana pretende penetrar na essência do americano, iluminando aspectos de nossa cultura, de nossa história e de nossa política, isto é, um verdadeiro ato de conversão que permite superar nossa consciência intelectual em direção a uma consciência espiritual e intercultural.

Palavras-chave: metafísica vegetal; pensamento latino-americano; interculturalidade.

Nome: Matheus Landau de Carvalho

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

E-mail: matheuslandau@gmail.com

Título: Noções de Natureza na escola filosófica indiana Vaiśeṣika

Resumo: As questões ambientais e a condição humana no mundo de hoje trazem à luz questões diretamente relacionadas à noção de Natureza, seja considerada em si mesma a partir de reflexões filosóficas, seja considerada a partir de suas relações possíveis com o ser humano. De um ponto de vista geral de matrizes culturais linguísticas originárias da Europa ocidental – como é o caso da língua portuguesa – Natureza pode significar o conjunto de leis presidindo à existência das coisas e à sucessão dos seres, compreendendo todos aqueles elementos naturais e formas de vida que prescindem de qualquer cálculo ou intervenção humana para existirem como tais, seja na esfera animal, na esfera vegetal ou na esfera

mineral, uma força ativa que estabelece e conserva a ordem natural, dada, mediante a percepção sensorial humana, de tudo o que existe, a totalidade das coisas criadas, como o universo, o cosmos ou a matéria *per se*, ou aquilo que constitui um ser em geral, a essência ou característica *sui generis* desta ou daquela manifestação de vida concreta ou abstrata, ou ainda o quadro de feições, hábitos e funções que se herdaram, ou ainda o caráter, a inclinação específica ou o temperamento de alguém ou alguma coisa. No cenário intelectual vislumbrado pelo III Congresso Internacional da ALAFI, é possível visualizar a cultura hindu como fonte abundante não apenas de conceitos e teorias acerca do que denominamos em vernáculos da Europa ocidental moderna – e aqui especificamente em português – como Natureza, mas também um verdadeiro inventário de termos sânscritos equivalente a várias nuances semânticas que lhe sejam inerentes, tais como *śṛṣṭi*, *jagat*, *bhūmaṇḍalam*, *viśvaṃ*, *brahmamḍalam*, *sarga*, *mārga*, *rīti*, *ṛma*, *vidhi*, *niyama*, *dharma*, *sūṣṭikrama*, *prakṛti*, *māyā*, *(ādi)śakti*, *nirmātrī devatā*, *pradhāna*, *prakāra*, *(sva)rūpa*, *(sva)bhāva*, *nisarga*, *tattvaṃ*, *sattvaṃ*, *guṇa* e *śīlaṃ*. Como proposta de desvendar os meandros filosóficos hindus que se situam entre essas duas grandes matrizes culturais mediante a busca pelo conceito de Natureza a partir de filosofias indianas, a tradição filosófica ortodoxa hindu conhecida como Vaiśeṣika (*Vaiśeṣika darśana*) oferece um panorama precioso para visualizarmos relações entre categorias atômicas irreduzíveis e dinâmicas cósmicas, empíricas, que prescindam e, simultaneamente, determinem tudo o que pode existir. A partir dos *Vaiśeṣika sūtras* atribuídos ao sábio indiano Kaṇāda é possível perceber uma relação entre seis categorias de existência ou realidades positivas (*padārthas*) – assim como seus respectivos desdobramentos –, i.e. substância (*dravya*), qualidade ou atributo (*guṇa*) de algo, iniciativa de ação concreta (*karma*), generalidade (*sāmānya*), particularidade (*viśeṣa*), inerência (*samavāya*), além da categoria da não-existência (*abhāva*). Segundo as duas fontes de cognição da escola Vaiśeṣika, i.e. percepção (*pratyakṣa*) e inferência (*anumāna*), seria possível deduzir uma ubiquidade orgânica a partir dos postulados da filosofia Vaiśeṣika que nos permita identificá-la imediatamente com alguma semântica de Natureza tal qual a compreendemos lusofonamente em suas acepções cósmicas? Seria possível identificar no respectivo *darśana* propensões naturais cujo sentido corresponda exatamente a outros significados de Natureza, inerentes à condição existencial de cada ser vivo na medida em que este, seja qual for sua expressão empírica, co-participa de um universo supostamente permeado pelas mesmas diretrizes?

Palavras-chave: Natureza; filosofia indiana; Vaiśeṣika darśana; atomismo; categorias de existência (*padārthas*).

Nome: André Luis Fonseca Macedo

Instituição: PUC-SP

E-mail: andreluisfonk@hotmail.com

Título: Semeando Palavras Originárias da Terra: Cosmologia Orgânica e Crise Ético-Ecológica em Nêgo Bispo

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo introduzir e celebrar as sabedorias ancestrais polinizadas pelo Mestre quilombola Nêgo Bispo, principalmente as contidas em sua última obra lançada, intitulada “*A Terra Dá, A Terra Quer*”, tendo como enfoque o realce filosófico de suas palavras semeadas e a apresentação desse arranjo cosmológico na forma de uma caixa de ferramentas conceituais, que podem nos auxiliar na fundamentação de práticas contracoloniais que propiciem uma ética que não crie uma fratura na relação entre Humanidade e Natureza. Frente as mudanças climáticas e a crise ecológica que atravessamos

enquanto corpo coletivo, os ensinamentos de Nêgo Bispo sobre a Cosmofobia Humana nos auxiliam na compreensão dessa crise enquanto não como um acaso do processo histórico, mas justamente como a outra face do desenvolvimento Civilizatório, fundamentado pelo saber sintético que a Metafísica da Tradição Grega e Cristã nos lega, revelando assim em sua essência uma crise dos valores relacionais e éticos que norteiam a Humanidade, produzindo assim uma fratura em como a Humanidade Civilizada participa do acontecimento de Ser da Natureza. Nêgo Bispo defende um saber orgânico, enraizado nos saberes ancestrais transmitidos principalmente através da oralidade, que possibilitam ações contracoloniais nas mais diversas áreas de saber e atuação. Esses saberes Originários da Terra, são ferramentas imprescindíveis para o combate da crise que estamos a atravessar, na tentativa de evitar, nas palavras do Xamã Yanomami Davi Kopenawa, A Queda do Céu. Essa Cosmofobia, traço marcante do Povo Civilizado que sustenta A Queda do Céu através de sua deficiência mental-espiritual, tem por sentido operacionalizador o extermínio de todas as outras formas de vida, Ser e saber que não se enquadram em seu violento adestramento. No contexto do ensino de Filosofia, esta comunicação visa humildemente poder auxiliar na composição de uma espécie de “Glossário Contracolonial”, para facilitar a articulação das noções presentes no pensamento de Nêgo Bispo, visando, como Foucault nos lega, a criação de uma caixa de ferramentas conceitual, que possa nos servir como instrumentos de luta e resistência contra a Cosmofobia Civilizatória.

Palavras-chave: Contracolonialidade; Povos Originários da Terra; Mudanças Climáticas; Crise Ecológica; Cosmofobia.

Nome: Juliana Paola Diaz Quintero

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia.

Email: julianadiazquintero22@gmail.com

Título: Eco filosofias: filosofia para questões urgentes

Resumo: Na atualidade, no contexto das catástrofes climáticas e as devastadoras consequências desatadas pelo modo de vida consumista e predatório próprio da cultura ocidental, parece pertinente começar uma discussão filosófica que coloque no centro do debate, a questão da vida em todas suas formas. Nesse sentido, promover uma educação ou a alfabetização ecológica a partir de uma reflexão filosófica sobre o que significa a responsabilidade de ser e habitar neste planeta parece um assunto que compromete o trabalho de filósofos e educadores. Porém, dadas as repetidas insistências em nossas universidades e escolas de continuar implementando o modelo de educação filosófico eurocêntrico, outorgando primazia ontológica aos temas do homem e sua subjetividade, apelando à história de uma filosofia muitas vezes estranha às nossas experiências mais próximas e essenciais, parece que cabe a nós, pensadores e pensadoras latino-americanos, pensar sobre o destino dos nossos territórios e como preservar a vida desde outras formas de desenvolver conhecimentos, recorrendo à sabedoria dos povos originários, que consideram esse território, como indissociável da subjetividade. Desse modo, o reconhecimento da própria cultura é essencial para tornar visíveis práticas e conhecimentos que no meio da atual crise civilizacional são essenciais para responder aos principais desafios impostos pela atual crise ecológica. Nessa ordem de ideias, este trabalho traz uma reflexão sobre a consciência eco-filosófica presente nas sociedades camponesas andinas e latino americanas a partir de uma leitura da obra de Silvia Rivera Cusicanqui, a pensadora trabalha no resgate de elementos da cultura indígena para refletir sobre os rumos das sociedades atuais, e suas reflexões se inscrevem no debate das ecofilosofias, uma vez que são abordados aspectos como o pensamento, o território e a cultura desde uma perspectiva holística. É importante notar que Silvia Rivera Cusicanqui é uma referência fundamental do ecofeminismo latino-americano, suas contribuições ao pensamento decolonial desde

uma perspectiva indígena, a partir do lugar das mulheres dos Andes, são essenciais para compreender a potencialidade e feminilidade do discurso ecofilosófico do bem viver.

Palavras-chave: Eco-filosofias, Epistemologias, Indígenas, Andes, Silvia Rivera. A comunicação será apresentada de modo presencial.

Nome: María Elena Díaz

Instituição: Universidad de Buenos Aires

E-mail: chinadesdeelsur@gmail.com

Título: Grecia o China. La absurda polémica sobre la cuna de la retórica

Resumo: Existen ciertos paralelismos entre la debatida cuestión acerca de si corresponde caracterizar de “filosóficos” algunos desarrollos del pensamiento chino y si es legítimo hablar de “retórica” china. La caracterización occidentalista de Grecia como la “cuna de la civilización occidental” ha generado más escollos que ventajas, incluso para la comprensión y valoración de la innegable contribución del pensamiento griego. Respecto de la retórica, es conocida la tesis de su nacimiento al calor del ejercicio de la política que nace en la pólis griega y la importancia que adquiere, en ese contexto, la experticia en el uso del lógos persuasivo. Los juicios con un jurado colectivo y la Asamblea fueron los lugares privilegiados donde se desarrolló esta técnica. Más allá de la disputa entre Platón y Aristóteles acerca de si la retórica constituye o no una *téchne*, había un cierto acuerdo en que la retórica busca construir un discurso persuasivo acerca de cualquier tópico, si bien su marco privilegiado era la arena política. En China la filosofía se forja, al igual que en Grecia, en un marco de crisis política, la cual impulsó también las condiciones para el refinamiento del discurso persuasivo y dejó tanto ejemplos como reflexiones teóricas sobre este. El ámbito de aplicación es diferente del griego, dado que se trata principalmente de esfuerzos para la persuasión de los gobernantes por parte súbditos de su reino o de otros aliados o potenciales enemigos. Estos discursos están, pues, a cargo de embajadores y enviados o bien, más frecuentemente, de consejeros que poseían algún cargo dentro de la corte. Otros dos ejemplos poseen una relevancia filosófica fundamental: el caso de los consejeros que notenían un cargo político y que se dedicaban directa o indirectamente a persuadir desde una postura algo más independiente y el de las mujeres, quienes, sin poseer un cargo político, debían hacer uso de todo su conocimiento e ingenio para dar consejos, tanto éticos como políticos, a quienes estaban en su esfera de influencia. El objetivo de este trabajo es pues, presentar un panorama y algunos ejemplos del desarrollo de la retórica en China antigua y compararla con la retórica clásica griega, para mostrar el absurdo de la disputa acerca de la identificación de la cuna de la retórica o, peor todavía, de la negación de que exista otra cultura antigua que la haya desarrollado, aparte de la griega. De este modo, sin negar sus diferencias, se puede profundizar en la comprensión de la retórica en Grecia y China antiguas y enriquecer así el estudio de las estrategias de persuasión. Palabras clave: Retórica – Filosofía china – Persuasión.

Nome: María Laura Cross

Instituição: Instituto de filosofía "Dr Alejandro Korn", Universidad de Buenos Aires

Email: marialauracross@gmail.com

Título: Crítica de la construcción orientalista del ‘despotismo oriental’ a partir del pensamiento político de Mencio

Resumo: En este trabajo haremos un análisis de la construcción del sujeto político del despotismo oriental en la filosofía aristotélica y sus sesgos orientalistas para luego la confrontarla con la construcción del sujeto político que presenta Mencio a raíz de su distinción entre 霸 (bà) y 王 (wáng). En primer lugar veremos cómo se construye la noción de despotismo en la Política de Aristóteles. Esta

categoría, derivada del vocablo despótes hace referência al jefe de familia y a su gobierno sobre los esclavos de su hogar (1253b). El señor de una casa gobierna sobre esclavos de un modo que Aristóteles entiende como legítimo, pero este tipo de dominio no podría extenderse sobre los libres (1255b). Sin embargo, en el libro III, Aristoteles clasifica los diferentes tipos de monarquía y allí vuelve a recurrir al término despotismo pero referido a los gobiernos de los bárbaros, en especial, de los pueblos de Asia. En este caso, el despotismo sería legítimo para Aristoteles debido al carácter servil de estos pueblos. Bobbio (2008) señala que en esta monarquía despótica tenemos el germen del ‘despotismo oriental’. Este concepto fue retomado con fuerza durante la Ilustración (Gasquet, 2015) y constituye uno de los rasgos de lo que Said tipificó como “Orientalismo”. El concepto se ha ido transformando pero lo que lleva desde su germen es una idea esencialista que se fue expandiendo a todos los pueblos considerados orientales: el carácter servil del sujeto político “oriental” que le permite tolerar gobiernos despóticos sin disgustarse. Esta idea subyacente permite pensar que dentro de esas tradiciones no había recursos para pensar la diferencia entre gobiernos legítimos y despóticos, y que tenían, por tanto, que esperar a tener contacto con la cultura europea, para que empiecen a pensar en esto. Sin embargo, dentro de la filosofía política china, podemos encontrar que en una etapa histórica cercana a la de Aristóteles, Mencio realiza una distinción entre 霸 (bà) y 王 (wáng) en la cual se presenta un sujeto político bien diferente. El 霸 (bà) solo sustenta su gobierno en la fuerza y simula tener una capacidad que no posee (Mencio 2A, 3). Por esto, es obedecido sólo por el temor, mientras que el 王 (wáng) posee una auténtica capacidad de gobierno y el pueblo lo sigue al reconocer los beneficios que les proporciona. De esta manera podemos ver cómo desde etapas tempranas la teoría política china tenía herramientas para distinguir tipos de gobierno rectos y desviados. A raíz de ella, Mencio forja un tipo de sujeto político diferente al planteado en el esquema del despotismo oriental. La aceptación pasiva de un gobierno despótico, que Aristóteles pensaba como propio de los pueblos sujetos a las monarquías orientales, y que siglos después fue retomado en el armado de la construcción orientalista, es pensado en Mencio de un modo totalmente opuesto, ya que sería el pueblo mismo, equiparado a la voz del Cielo (5A, 5), quien provocaría la desestabilización de un gobierno que solo se mantiene por la fuerza.

Palabras Clave: despotismo oriental, orientalismo, sujeto político, Mencio, Aristóteles.

Nome: Daniel Rodrigues de Assis Martins

E-mail: martins@unifesp.br

Instituição: UNIFESP

Resumo: A filosofia desenvolvida em al-Andalus entre os séculos X e XII, sofreu uma virada para o aristotelismo ao final deste período. Esta fase da filosofia andaluza, marcada por interpretações mais rígidas das teses aristotélicas, foi a que mais influenciou a formação da escolástica latina. Deste modo, é possível encontrar muitas citações de filósofos escolásticos a grandes nomes da filosofia medieval árabe, tanto muçulmanos quanto judeus. O que torna a relação entre o pensamento medieval árabe com a história da filosofia europeia bastante evidente. Como resultado, dispomos hoje de bom número de pesquisas acadêmicas sobre esta questão, que tiveram o papel de elucidar esta fase de maior rigidez aristotélica do pensamento árabe. Por outro lado, a filosofia medieval árabe em geral mesclou o aristotelismo com formulações neoplatônicas e a região de al Andalus teve particularidades em relação a esta tendência. A maior parte do pensamento filosófico em al-Andalus, onde ocorreu a virada aristotélica, teve forte tendência neoplatônica. Além disso, foram as peculiaridades do pensamento andaluz, com a mescla do pensamento de filósofos nativos com o de filósofos de regiões mais orientais, que exerceram influência na formação do pensamento europeu. Ao pensarmos nos desdobramentos posteriores a este período da filosofia andaluza, associados às elaborações mais recorrentes da história do pensamento, podemos imaginar que após o período da escolástica latina a filosofia europeia passou a se alimentar unicamente de suas próprias fontes, sem a necessidade de recorrer a formulações e temas da filosofia medieval árabe. Essa perspectiva pode ser corroborada ao considerarmos as traduções diretas de textos gregos para o latim, ocorridas no século XV. Porém, as traduções de textos da filosofia medieval árabe continuaram por longo tempo, muitas vezes feitas por

intelectuais judeus. Estes últimos tiveram grande aceitação nos círculos platônicos renascentistas e contavam com numerosos textos árabes que já haviam sido traduzidos para o hebraico. A verificação destas relações nos levam a perspectivas importantes sobre o neoplatonismo renascentista. O que desejamos apontar aqui é o fato de que tanto a intelectualidade judaica quanto as formulações do neoplatonismo de al-Andalus tiveram forte impacto no renascimento italiano.

Palavras-chave: Filosofia Árabe, Neoplatonismo, Renascimento Italiano

Nome: Pedro Regis Cabral

Instituição: Universidade de Macau

E-mail: pedrorcabral@hotmail.com

Título: A filosofia como alienação do Tao: comentário de Mario Bruno Sproviero ao segundo capítulo do Dao De Jing

Resumo: Nesta apresentação discuto o que parece ser uma inovadora e ousada interpretação proposta por Mario Bruno Sproviero em sua tese de livre-docência (1996) quanto à primeira parte do segundo capítulo do Dao De Jing. Segundo Sproviero o texto conteria uma crítica *in nuce* a certo tipo de filosofia (tipicamente ocidental) que se caracteriza como uma forma de pensamento baseada na razão humana, contrária à tradição, abstrata, lógica e separada do Tao. Esta interpretação desafia um tradicional entendimento quanto à primeira parte do segundo capítulo do Dao De Jing, o qual conteria uma defesa do conceito de complementaridade entre opostos, como frequentemente afirmado na literatura por renomados estudiosos, por exemplo, Liu Xiaogan (2006) e Chen Guying (2016). Em seu comentário ao Dao De Jing, Sproviero entende que não há, no texto, a ideia de complementaridade no caso específico dos pares bom (善) e não bom (不善); belo (美) e feio (惡). A relativização do bom seria consistentemente refutada no Dao De Jing, por exemplo, nos capítulos 8, 27, 49, 68 e 79. O ideal intelectual do shengren (聖人) não é a artificialidade da conceitualização feita pela razão humana, mas o pensamento em unidade com o Tao, o que refletiria um estado original de união entre sujeito e natureza. Tal estado ideal e originário de unidade, assim como seu desaparecimento, reflete-se, segundo Sproviero, no fato de a “voz média” ter predominado na língua chinesa antiga até eventualmente desaparecer de sua gramática. A civilização chinesa teria perdido o ideal de unidade com o Tao segundo Laozi. Este trabalho conclui que esta interpretação inovadora respeita certa coerência interna no Dao De Jing quanto ao bom (善) e ao artificial, além de não desrespeitar a gramática dos primeiros versos do capítulo 2 desta obra. Por fim, especulo quais poderiam ser os alvos desta crítica à filosofia alienada do Tao no contexto da filosofia chinesa clássica, se é que tal forma de filosofia pode ser identificada na China antes da unificação sob Qin.

Palavras-chave: Laozi; Dao De Jing; Mario Bruno Sproviero; Voz Média; crítica ao pensamento ocidental.

Nome: Otávio Maciel (UnDF/UnB)

Instituição: UnDF/UnB

E-mail: oe.maciел@gmail.com

Título: Um realismo filosófico neoconfuciano? Críticas ao correlacionismo e ao antropocentrismo do budismo mahāyāna na China

Resumo: Um dos tópicos mais relevantes nas ontologias contemporâneas parece ser o ressurgimento e a reabilitação de formas de realismo filosófico. Estes movimentos vão além de formas do realismo ingênuo e direto, mas também para além até mesmo do realismo científico, reavivando teses sobre realismos complexos em diversos níveis de acessos filosóficos distintos. A obra de Quentin Meillassoux é uma das principais a reavivar este interesse na metafísica, especialmente a partir de sua crítica ao correlacionismo. Esta atitude filosófica, que não se esgota em um ou dois autores/movimentos, insiste que pensamento humano e o Ser são absolutamente inseparáveis, e que apenas sob condições específicas do *anthropos* que o Ser pode vir a ser. Esta atitude alimenta o antropocentrismo típico de filosofias modernas, onde apenas o humano e seus vários correlatos podem dar sentido ao mundo; e que não-humanos, formas, Deuses, espíritos, sistemas sociais e outros tipos de existências não passam de realidades de segunda mão, fruto do antropocentrismo. A ruptura com o correlacionismo filosófico, para que pensar o que há “fora” do *anthropos*, é a tarefa da metafísica e das ontologias contemporâneas, especialmente para se repensar o que significa agências, trabalhos, existências, redes e sistemas de humanos, animais, máquinas e outros existentes para além da subserviência filosófica do mundo ao humano. Ponderando acerca de saídas do antropocentrismo, me vi refletindo acerca das considerações metafilosóficas que levaram, em especial, os primeiros Neoconfucianos a se levantarem contra certa hegemonia Mahayana. Nos interessa desdobrar algumas das controvérsias deste período, especialmente quando o neoconfucionismo ainda não era considerado “oficial” e tinha de lutar por seu lugar ao sol. O Mahayana, ainda que talvez não em sua totalidade, geralmente esboça filosofias antirrealistas. A ideia de que o real é apenas uma “realidade de segunda mão”, uma verdade menor perante o Vazio ou a Mente, seja o nome que for, certamente não apenas antecipa, mas concordaria com atitudes correlacionistas. Seja em nome da ética, seja em nome do escapismo, o mundo vira “minha representação”, e o conhecimento sobre o que há escapa para o nada. Contra certo antirrealismo, tentaremos mostrar, os neoconfucianos do começo da Dinastia Sòng retomam um importantíssimo conceito ético de Mêncio e o transformam em uma verdadeira categoria ontológica: a Sinceridade [*chéng*]. Trazendo contribuições de pensadores como Zhou Dunyi e os Irmãos Chéng, nossa proposta é mostrar como a ontologização da sinceridade/franqueza da realidade, que não existe “para” enganar os tolos humanos, é uma saída neoconfuciana que antecipa e potencializa o realismo complexo por toda a filosofia global.

Palavras-chave: Quentin Meillassoux. Neoconfucionismo Sòng. Realismo Complexo. Ontologias Contemporâneas. Realismo vs. Antirrealismo.

Nome: Pilar Sánchez Ordóñez

Instituição: Instituto de Filosofia Dr. Alejandro Korn

E-mail: pilarsanchezordonez@gmail.com

Título: La crítica de Zhao Tingyang al sistema democrático: un abordaje desde el pensamiento de Ernesto Laclau.

Resumo: En China, muchos pensadores recuperan el potencial político del confucianismo para pensar órdenes políticos radicalmente novedosos, a la vez que elaboran críticas sumamente provocativas de los sistemas políticos vigentes. En esta ocasión, abordaré el caso del especialista en filosofía política Zhao Tingyang (1961-). A pesar de la riqueza de su análisis y crítica del sistema democrático, me enfocaré aquí en el punto que considero problemático: sostendré que supone una concepción muy específica de la democracia, que sólo aplica a ciertos pensadores de la tradición filosofía política

européia e estadunidense, concepção cujas limitações não se encontram, a mi parecer, devidamente explicitadas, discutidas ou justificadas por Zhao. Me enfocarei em um aspecto em particular de a crítica de Zhao, que considero de sumo interesse para os debates contemporâneos sobre a democracia e que emana diretamente do coração do confucionismo: o precário lugar que ocupa a qualidade moral do líder - democraticamente eleito - na legitimação do seu poder político. Me centrarei em analisar como considera Zhao que emergem os líderes na democracia tal e como ele a concibe e o contraponerei com a posição de Ernesto Laclau, com o objetivo de dar conta de outras formas de conceber a legitimidade dos atores (tanto governante como governado) do sistema democrático. Em efeito, de acordo com suas afirmações, para Zhao, toda democracia suporia um líder carismático que ascenderia ao poder ganhando o voto de uma maioria egoísta que, em nome de interesses individuais, cairia nas redes persuasivas de um candidato adulator (Zhao, 2021). Ernesto Laclau -em este caso junto a Chantal Mouffe- ha afirmado: “Como ellos, nosotros criticamos el modelo agregativo de democracia, que reduce el proceso democrático a la expresión de intereses y preferencias manifestados a través de un voto que selecciona a los líderes que llevarán a cabo políticas escogidas” (Laclau, Mouffe, 1985, p: 18). Para estos autores, hay una concepción de la democracia -la que retoma Zhao- que constituye una visión empobrecida de la misma, y reivindican el valor de la conflictividad de la esfera pública y el modo en que ésta constituye las identidades políticas. Desde este punto de vista, el votante no se inmiscuye esporádica y momentáneamente en la vida política mediante su voto egoísta, a través del cual hace patente los intereses particulares que elucubraba en su fuero interno, en su vida prepolítica. El votante es pueblo, es un sujeto fundamentalmente político, constituido por su vida política, de la cual el voto es sólo un aspecto. La línea de lectura que propongo contraponer, eminentemente latinoamericana, ofrece, desde mi punto de vista, una concepción de la legitimidad política más cercana a la tradición china y un interlocutor más desafiante y enraizado en la realidad concreta de la vida democrática. Pero ¿por qué no optan los filósofos chinos por debatir con ella? Desde el punto de vista de Enrique Dussel (Dussel, 1977), hay causas colonialistas para que los intercambios académicos tengan un movimiento centro-periferia y no periferia-periferia, causas que abordaré en mi exposición.

Palavras chave: confucionismo - democracia - colonialismo – filosofia.

Nome: Rogério Soares da Costa

Instituição: PUC-Rio

E-mail: r.oleniski@gmail.com

Site pessoal: Νεκρομαντεϊον (oleniski.blogspot.com)

Título: Adi Śaṅkarācārya e os fundamentos escriturísticos e experienciais do Advaita Vedānta

Resumo: Os maravilhosos textos conhecidos na tradição hindu como *Upaniṣads*, que constituem o *Vedānta* ("o fim dos *Vedas*"), não apresentam, na sua diversidade, nenhum sistema de pensamento pronto e encerrado. Eles são antes testemunhos das descobertas espirituais dos *rishis*, os sábios videntes, acerca da natureza da realidade última dos mundos interiores e exteriores ao homem. Tal realidade, inominável, inefável e indizível, foi denominada de *Brahman*, o “Um sem segundo”. A fim de sistematizar e harmonizar as aparentes contradições dos vários *Upaniṣads*, uma série de textos surgiram com o objetivo de resumir e apresentar os seus pontos doutrinários principais. Os *Brahma-Sūtras* atribuídos ora a *Bādarāyaṇa* e ora a Vyāsa, são um dos frutos desse empreendimento. A data de sua redação é incerta, assim como a atribuição usual de sua autoria. O costume hindu de comentários (*karikas*) às escrituras sagradas estendeu-se naturalmente aos *Brahma-Sutras*, também conhecidos como *Vedānta-Sutras*. Não é de se espantar, portanto, que o magnífico mestre vedantino Sri Ādi Śaṅkarācārya, que viveu entre os séculos VIII/IX D.C., principal expoente e expositor da escola *Advaita* (não-dualista), tenha ele também comentado os *Brahma-Sūtras*. É justamente quando o santo hindu busca esclarecer o sentido dos dois primeiros versos que ele determina, a um só tempo, os fundamentos escriturísticos e experienciais do *Hinduismo* em geral, e do *Advaita Vedānta* em particular. *Brahman* não é um ente sensível. Daí que a inferência pode somente sugerir fortemente a existência de uma causa do mundo. Por outro lado, o raciocínio é um processo sem fim de acordo com

a capacidade das pessoas e, portanto, não pode ir tão longe na determinação da Verdade. Resta evidente que as Escrituras Sagradas devem ser a base de todo raciocínio. Entretanto, é a *experiência* que tem peso de verdade, e as Escrituras são os relatos ou testemunhos confiáveis das experiências dos mestres que estiveram face a face com a Realidade (*Āptavākya*). Esse é o motivo pelo qual as Escrituras são *infalíveis*, e porque só elas possuem a autoridade de determinar a Causa Primeira. O objetivo dos *Sūtras* não é estabelecer *Brahman* por meio de inferências, mas discutir as passagens das Escrituras Sagradas que declaram que *Brahman* é a Causa Primeira. Os *Sūtras* coletam os textos do *Vedānta* para uma compreensão completa de *Brahman*. O raciocínio servirá na medida em que ajudar a compreender os textos sagrados, e somente se não entrar em contradição com eles. O centro de nossa comunicação será apresentar os comentários de *Śaṅkarācārya* a esses dois primeiros versos dos *Brahma-Sūtras* com o objetivo de salientar as bases escriturísticas e experienciais do *Advaita*, aquela que talvez seja a mais importante escola de interpretação metafísica da *darśana Vedānta*, bem como da totalidade do pensamento hindu ortodoxo (*āstika*). Ademais, pretendemos ressaltar as coincidências entre a linguagem apofática (negativa) acerca do *Absoluto* na tradição ocidental e na tradição hindu.

Palavras-chave: Hinduísmo - Śaṅkarācārya – Vedānta – Escrituras – Experiência.

Nome: Alina Silva Sousa de Miranda

Instituição: PPCIR/UFJF

E-mail: alina.miranda@ufma.br

Título: Śaṅkara e o conceito do Maranhão/UFMA, atualmente.

Resumo: O capítulo três do Bhagavadgītā apresenta dois modos de vida ou duas disciplinas cuja prática conduz à liberação (mokṣa): karmayoga e jñānayoga. Duas perguntas de Arjuna vão conduzir a explicação de Śrī Kṛṣṇa nesse ensinamento, quais sejam: 1) se o conhecimento é superior à ação, por que o impelir a fazer uma ação terrível (ghora karman) – matar os próprios parentes na guerra?; e 2) discriminando melhor entre essas duas opções (conhecimento e ação, qual delas o fará alcançar o melhor resultado (śreyas)? Também no comentário ao Bhagavadgītā, Śaṅkara apresenta ambas as disciplinas, porém, define karmayoga como uma ação com efeito de purificação da mente (sattvaśuddhi) e, para ele, aquele cuja mente é pura seria competente para trilhar o caminho do conhecimento e até alcançá-lo. Tendo em vista as duas dimensões do fenômeno religioso na perspectiva da tradição védica, Pravṛtti, caminho da ação (karman) e Nivṛtti, caminho da renúncia (jñāna), essa observação sobre o karmayoga parece sugerir um terceiro tipo de ação, situada na transição entre elas. Dito de outra forma, haveria entre a ação com expectativa de obtenção do paraíso (svarga) na dimensão do dharma/ Pravṛtti, definida como karman, e a ação sem expectativa porque fundamentada no princípio de unidade de todas as coisas (jñāna/Nivṛtti), um tipo de ação intermediária que, apesar de ser destituída de expectativa de resultados, parece ainda ser fundada em uma dualidade como a ação interessada (karman). Assim, poderíamos argumentar que, se karman se caracterizaria como ação com apego, com ignorância e com expectativa (ābhyudaya) e jñāna como ação sem apego, sem ignorância e sem expectativa (niḥśreyas), essa ação intermediária que é justamente o karmayoga parece se caracterizar como uma ação sem apego, sem expectativa, mas ainda marcada pela ignorância, uma vez que a atitude de entregar tudo a Deus (Īśvara) denotaria uma perspectiva de dualidade entre o indivíduo (jīva) e Īśvara. Isso faz o conceito de karmayoga poder ser entendido como “disciplina da ação desinteressada”. Ademais, ainda que a interpretação de Śaṅkara pareça sugerir certa nuance de eficácia indireta dessa disciplina, esse ensinamento sobre karmayoga faz do Bhagavadgītā uma literatura voltada para a liberação (mokṣasāstra): o conhecimento do ātman não afeta a ação, mas a maneira de fazer a ação (no caso, guerrear), o que por sua vez esclarece que este capítulo não cria ou reforça uma oposição entre conhecimento e ação. O ensinamento de Śrī Kṛṣṇa que segue por todo esse capítulo fundamenta justamente a ação no conhecimento do princípio de unidade das coisas (ātmavidyā).

Palavras-chave karmayogano Bhagavadgītābhāṣya: Śaṅkara,

Nome: Gabriela Müller

Instituição: Universidad de Buenos Aires Ciudad

E-mail: gafermu@gmail.com

Título: “La unidad del hinduismo: problemas y perspectivas”

Resumo: El término “hinduismo”, desde el siglo XIX y en la actualidad, hace referencia a una de las grandes religiones del mundo, a la que pertenecen la mayoría de los habitantes de la República de la India y también muchos de quienes emigraron desde allí hacia otras regiones. Se utiliza además para agrupar una serie de tradiciones filosóficas consideradas “ortodoxas”, y diferenciarlas así de otras corrientes surgidas también en el sur de Asia, como el budismo y el jainismo. Sin embargo, desde mediados del siglo XX algunos de los estudios sobre el hinduismo han cuestionado la existencia de un para esta categoría, considerando que esta sería una construcción dependiente sobre todo de ciertos procesos y agendas ligados al colonialismo que buscaron otorgar unidad e identidad a algo que no las poseía inicialmente ni con independencia de la intervención ideológica del orientalismo. Ahora bien, hay otra actitud en los estudios sobre el hinduismo desarrollada por quienes, sin negar la modernidad de esta categoría, señalan, a partir de la interpretación de textos diversos, el carácter pre-moderno de la unidad y de la conciencia de identidad sobre la que la categoría se aplica. En este trabajo analizaremos algunas de estas propuestas interpretativas que detectan procesos de unificación dentro de la propia tradición india, para reconocer en ellos no una única actitud universal o necesariamente hegemónica de unificación sino más bien una diversidad de las perspectivas unificantes, que serían así un elemento más dentro de esta pluralidad que atraviesa al hinduismo. De este modo, la tradición europea colonialista no habría instaurado sobre una diversidad caótica una unidad inexistente, sino que habría continuado y extendido estas tendencias unificadoras que ya se venían desarrollando dentro de la propia India en los siglos previos a la colonización y que continúan hasta el presente. Estudiar el hinduismo implica, entonces, no solamente reparar en su diversidad sino también reconocer estos procesos de unificación e integrar las diferentes perspectivas académicas para abordarlos. referente

Palabras clave: hinduismo - orientalismo - unidad – diversida

Nome: María Luz Pedace

Instituição: Universidad de Buenos Aires Ciudad

E-mail: luzpedace@gmail.com

Título: Devoción es Conocimiento. Una aproximación al concepto de bhakti en Śaṅkara.

Resumo: En contraposición a lo que la literatura de divulgación, europea y americana, acerca de la filosofía Vedānta ha difundido, Śaṅkara, si bien innegable exponente del no-dualismo (advaita), tal como lo demuestran sus comentarios a las principales fuentes vedantistas -Brahmasūtras, Upaniṣads, Bhagavad Gītā- y las obras atribuidas a su autoría -Vivekacūḍamaṇi, Ātmabodha, Aparokṣānubhūti-, no despreció la noción de bhakti, frecuentemente asociada a las escuelas que adscribieron ya a un dualismo parcial, ya a uno total, sino que la integró a su sistema filosófico, considerándola, a priori, un medio para acceder a jñāna, el Conocimiento. En Vivekacūḍamaṇi I. 31, tras enumerar los principios que el aspirante espiritual debe hacer propios -vairāgya, dama, titikṣa, samādhāna- para alcanzar la liberación, sostiene que “entre la totalidad de medios que conducen a la liberación -mokṣa-, la devoción -bhakti- es extremadamente importante. Se llama devoción a la búsqueda de la verdadera naturaleza de uno mismo” (mokṣakāraṇasamāgryāṃ bhaktirevagarīyaś/ svasvarūpānusandhānaṃ bhaktirityabhidhīyate). La verdadera naturaleza de uno mismo (svasvarūpa) es Brahman, el Uno sin

segundo. Este conocimiento es el Conocimiento (jñāna), porque libera al hombre del espejismo, de la irrealidad que configura la māyā en el plano fenoménico y psicológico del ser humano. Del discernimiento (viveka) entre lo Real - Brahman- y lo irreal -el conjunto de Sus manifestaciones- surge jñāna, y a él conduce bhakti como eslabón ineludible en el proceso hacia la identidad entre Brahman y el ātman. Ahora, si la devoción es búsqueda de la esencia del ser, ¿no es acaso conocimiento? Si el Conocimiento (jñāna), como es concebido por Śaṅkara, surge de la distinción entre dos status ontológicos divergentes y de la identificación con aquel que es superior, el anhelo de lo Real, la indagación de los procesos mentales que conducen a esa meta, ¿no contienen en sí mismos el Conocimiento, no son formas primarias de Él? A la luz del corpus śaṅkariano, intentaremos responder estos interrogantes.

Palabras clave: Śaṅkara - Bhakti - Jñāna - monismo – Liberación.

Nome: Martín Emilio Rosana

Instituição: Universidad de Buenos Aires

E-mail: martinemiliorosana@gmail.com

Título: “El amor es un tipo particular de cognición (prītiśca jñānaviśeṣa eva)”: Conocimiento y afectividad en la conclusión del Vedārthasaṃgraha de Rāmānuja.

Resumo: El presente trabajo busca en primera instancia presentar la particular relación establecida por el filósofo, teólogo y reformador social tamil Rāmānuja (1017-1137 e.c.) entre el conocimiento (jñāna) y la devoción (bhakti), en el contexto de su obra prima, el Vedārthasaṃgraha (“resumen del significado del veda”), el cual consiste en una exposición en formato no tradicional de su interpretación de la corriente filosófica clásica de la India llamada vedānta. Las fuentes principales del vedānta son las upaniṣad y las temáticas abarcadas por esta escuela podrían ser identificadas como cuestiones ontológicas, epistemológicas y soteriológicas. Estas cuestiones fueron sistematizadas en la obra conocida como Vedānta-sūtra: aforismos sumamente concisos pero asimismo crípticos cuya compilación es atribuida a Bādarāyaṇa. La particularidad de la interpretación de Rāmānuja es que busca compatibilizar una empresa de carácter principalmente gnoseológico como es la del vedānta (la búsqueda por conocer a brahman, una entidad de carácter abstracto) con los postulados teológicos de su propia confesión religiosa, el “vaisnavismo” o “culto a Viṣṇu”, que posibilitan una relación personal entre este dios y los individuos. Para lograr este cometido Rāmānuja establece una serie de pasos argumentativos. Comienza señalando que la devoción (bhakti) es un tipo particular de “amor” o “afecto” (prīti), para inmediatamente después sostener que este “amor” es un tipo particular de cognición (prītiśca jñānaviśeṣa eva). Tras establecer que este “amor” no es otra cosa que la “felicidad” (sukha) experimentada en la cognición del objeto que la despierta e ir incluso más allá al afirmar que la cognición de dicho objeto es en sí misma la experiencia de la felicidad, y siendo brahman por definición escritural felicidad por antonomasia (“anando brahma”, Taittirīya-upaniṣad, III, 6), culmina su obra sentenciando que bhakti o devoción [a brahman/Viṣṇu] es un tipo especial de cognición (bhaktiśca jñānaviśeṣa eva iti), aquella donde la felicidad es ininterrumpida. Intentaremos por tanto explicitar cómo se da esta equiparación entre la emoción, la conciencia de la experiencia de tal emoción y la cognición del objeto que la despierta. Nos centraremos para presentar esta relación en el reciente artículo de Chakravarthi Ram-Prasad (2022): “The Happiness that Qualifies Nonduality: Jñāna, Bhakti, and Sukha in Rāmānuja’s Vedārthasaṃgraha”, a nuestro juicio una de las pocas voces que trata de manera académica esta temática. En una segunda instancia nos interesa también reflexionar justamente acerca de las razones por las que esta íntima relación entre la devoción y los procesos cognitivos presente en el sistema de Rāmānuja ha quedado relegada a un segundo plano en su estudio principalmente por parte de los especialistas no-indios, quienes o bien han priorizado los aspectos ontológicos y (exclusivamente) gnoseológicos de su sistema, o han tematizado su teorización sobre la devoción (bhakti) como un fenómeno únicamente confesional, confundiendo los desarrollos posteriores de este concepto (donde es asociado con la piedad y religiosidad popular) con la especificidad técnica que en nuestro autor reviste. Consideramos por último que conocer en

profundidad estas temáticas puede echar algo de luz sobre la compleja imbricación entre la filosofía y la religión en el ámbito del pensamiento indio. Palavras chave: Rāmānuja - Bhakti - Jñāna - Afectividad - Filosofía Indi.

Nome: Frederik Moreira e Andreza Bispo dos Anjos Santos

Instituição: (UFRB) e (UFBA)

Título: Tecituras da Natureza: narrativas mitológicas de base naturalista em comunidades Iorubás no Brasil

Resumo: Este ensaio examina a interseção entre o naturalismo humanista e a filosofia afrobrasileira, propondo uma abordagem pluralista do conhecimento em um contexto contemporâneo onde as injustiças epistêmicas são frequentes. Defenderemos a importância de valorizarmos tanto o conhecimento científico quanto os saberes ancestrais, argumentando que estes são fundamentais para a adaptação bio-social e para a construção de uma cosmologia integradora, especialmente nas comunidades de candomblé, onde as narrativas e rituais desempenham um papel central na preservação cultural. Propomos repensarmos uma forma de naturalismo que construa um espaço mais justo para o diálogo intercultural. Enfatizamos a urgência de uma justiça epistêmica que reconheça e valorize os saberes afro-brasileiros na academia e na sociedade. A marginalização desses conhecimentos, fruto do racismo estrutural e epistêmico, tem consequências severas, especialmente para a formação tanto das crianças nas comunidades periféricas e quilombolas quanto daquelas com acesso privilegiado aos recentes produtos da cultura técnico-científica. As práticas culturais e a oralidade são destacadas como formas essenciais de resistência e manutenção da identidade, que enfrentam as imposições coloniais. Nosso ensaio também propõe uma filosofia que centraliza o pertencimento, a territorialidade e a ancestralidade como elementos cruciais para a construção de uma epistemologia mais justa e equilibrada. Elementos da cosmologia iorubá, o conceito de Sankofa e a epistemologia de Oxum são apresentados como bases para superar as divisões criadas pela colonialidade, promovendo, assim, uma sociedade mais próspera e harmoniosa. Em resumo, a apresentação defende a integração dos saberes ancestrais afro-brasileiros no diálogo epistêmico contemporâneo, reconhecendo seu valor essencial para a construção de uma educação e sociedade mais inclusivas e justas.

Nome: Elizia Cristina Ferreira

Instituição: IHL – Unilab

Título: Poéticas telúricas entre o Noroeste Argentino (NOA) e o Recôncavo Baiano

E-mail: eliza@unilab.edu.br

Resumo: Para além do jugo colonial e todas as mazelas por ele impostas em nosso território latino americano, que mais encontramos quando ‘cavucamos’ nossa terra? Esta comunicação será um convite para passearmos entre dois territórios muito distantes geograficamente falando, porém sem a pretensão de simplesmente cruzar as fronteiras estabelecidas pela modernidade colonial, mas sim de borrá-las um tanto. Que poderia haver de comum entre as perspectivas *surandina* e *angoleira*? Pela primeira nos referimos às cosmopercepções aprendidas através dos encontros com os saberes andinos (ritual da *pachamama* entre outras manifestações da região do NOA mas que também acontecem e sul da

Bolívia), ao passo que pela segunda falamos daqueles ligados às práticas rituais (candomblés e outras manifestações) que se identificam enquanto *bantu* no Brasil (mais especificamente, aqui nosso trabalho se situa na região do Recôncavo). Existe nos Andes uma prática conhecida como ‘desenterrar o carnaval’, deixar saírem ‘*lo/as diablo/as*’ que festejam durante todos os dias carnavalescos, até serem enterrados ao final. Lá, em agosto, no período da seca, abre-se a terra novamente para dar de comer à *pachamama*, na intenção de agradecer e pedir a prosperidade para o novo ciclo vindouro... ‘Dar de comer’ às entidades é também uma expressão igualmente comum nos festejos e rituais dos candomblés, como os de nação Angola que justamente em agosto cultuam *Kitembo*, o Tempo como um *nkisi*... Ritos em que se dança, se come, se trabalha (e muito), fazendo da festa e/ou da arte um modo pleno de existir. Assim, os aprendizados a serem compartilhados, foram aprendidos a partir do que estamos chamado de poéticas telúricas. Poéticas do fundo da terra que nos ensinam sobre uma noção de espacialidade que não se compreende apartada do tempo. É o que Mario Vilca chama de uma *espacialidade intensa*, um aqui e um agora em que coabitam os tempos passados e vindouros, o reconhecimento de que somos compostos por tudo o aquilo que vem antes de nós, mas que não ficou para trás, num passado, ao contrário, está diante de nós, como ancestralidade. Tudo isso visa nos apropriarmos de nossos modos próprios de ser com a terra, de ser terra, mas também se mostra como alternativa possível às formas de racionalidade e dominação moderna que se impuseram via colonização e que cada vez mais anunciam seu esgotamento diante das inúmeras crises contemporâneas.

Nome: Caroline Pires Ting 丁小雨

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Logica Universalis Association, Geneva, Switzerland

Título: Embracing Impermanence: The Intersection of Movement, East Asian Arts, and Wabi-Sabi Aesthetics

Resumo: This research explores the dynamic nature of existence through the study of the links between impermanence, East Asian arts, Buddhist and Taoist thoughts, and Wabi-Sabi aesthetics. We analyze how the concept of movement serves as a unifying link, illustrating the fluidity, transformation, and growth that characterize life. By adopting this perspective, we are encouraged to appreciate the beauty of fleeting moments and to embrace the transformative potential of change. This approach aligns with the principles of Asian religions that value the acceptance of reality and the release from material attachments, highlighting the beauty of imperfection and simplicity.

Keywords: Impermanence, East Asian Art, Aesthetics, Movement, Wabi-Sabi

Nome: Ana Beatriz Chagas Mello

Instituição: Universidade Federal de São Paulo

E-mail: ana.chagas@unifesp.br

Título: Meliselda: Explorando o Feminino e a Messianidade nas Tradições Cabalísticas de Sabbatai Şevi.

Resumo: A percepção messiânica de si mesmo por parte de Sabbatai Şevi abarcava uma alma que era vista como feminina ou até mesmo hermafrodita. Ele se conectava com as sefirot de Melchut e Binah, esta última carregando atributos tanto masculinos quanto femininos. Em sua obra “Kabbalah and Eros”, Idel critica a abordagem metodológica de Wolfson, argumentando que ela se concentra excessivamente no gênero, resultando em uma leitura simplista do tratamento complexo da Shekhina. Idel contesta a fusão proposta por Wolfson entre os polos masculino e feminino em um “falo

andrógino”, buscando, em vez disso, conceder ao feminino uma independência ontológica. Por outro lado, Wolfson oferece uma interpretação diferente. Em “Language, Eros, Being”, ele questiona o simbolismo maternal na Cabala, contradizendo as alegações de Idel Sabbatai Şevi, uma figura contundente do século XVII, desafiou as convenções religiosas e sociais de sua época. Sua messianidade, envolta em rituais e crenças heterodoxas, revelou nuances femininas que permearam sua jornada de formas diversas. A melodia de “Meliselda”, muitas vezes associada ao movimento sabbateano, serve como uma porta de entrada fascinante para explorar essas sutilezas. Entre os estudiosos modernos, um debate floresce entre Moshe Idel e Elliot Wolfson, centrado em interpretações distintas sobre o papel do gênero nos textos cabalísticos e no Zohar, aspecto este relacionado ao sabbateanismo, que representa uma interpretação discordante da escola luriânica. Idel, discípulo direto de Gershom Scholem, se opõe à perspectiva androcentrista de Wolfson, defendendo a supremacia e a autonomia do feminino nas fontes clássicas. Palavras-chave: emancipação feminina, sabbateanismo, cabala. sobre a autonomia ontológica do feminino. Wolfson interpreta o símbolo da mãe como uma afirmação da associação do feminino com o terreno e o corpóreo. A análise de “Meliselda” e sua relação com Sabbatai Şevi revela como a incorporação de elementos femininos na espiritualidade sabbateana proporciona uma visão singular sobre o messianismo judaico. Essa abordagem desafia não apenas as normas estabelecidas, mas também enriquece a compreensão da diversidade e complexidade dentro do judaísmo messiânico e se conecta diretamente aos debates atuais que acontecem na Academia. Minha intenção é prover um panorama geral das teorias sobre o papel feminino, a androginia, as relações de gênero, entre outros, dentro do contexto dos estudos cabalísticos, especialmente quando confrontados com a figura de Sabbatai Şevi e o entendimento de seu domínio espiritual como alinhado ao feminino.

Nome: Milena Oliveira Pires¹

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

Email: milenaoliveirapires@hotmail.com

Título: Qual é a natureza opressiva da opressão epistêmica?

Resumo: A opressão epistêmica é uma teoria desenvolvida por Kristie Dotson para explicar como grupos marginalizados são colocados à margem do conhecimento. A natureza opressiva dessa teoria reside na exclusão e marginalização de grupos sociais dentro de um sistema epistemológico que falha em reconhecer e incorporar suas experiências e conhecimentos, resultando em exclusão epistêmica. Isso significa que indivíduos de grupos marginalizados têm sua capacidade de participar plenamente na comunidade epistêmica diminuída. Eles são injustamente impedidos de usar os recursos compartilhados de maneira persuasiva, o que compromete sua agência epistêmica. Essa exclusão não apenas prejudica os indivíduos diretamente afetados, mas também impede o progresso do conhecimento coletivo e a revisão dos recursos compartilhados dentro da comunidade. O objetivo deste trabalho é tratar especificamente do trabalho intelectual produzido por mulheres negras, que, devido a estereótipos preconceituosos de identidade, acabam sendo suprimidas da produção de conhecimento. Além disso, a falta de reconhecimento e valorização das contribuições das mulheres negras perpetua sistemas de desigualdade e injustiça. Dado o avanço da Epistemologia Social e os debates sobre o conhecimento, é urgente questionarmos e debatermos onde estão as mulheres negras na produção de conhecimento ao longo da história. Pretendo analisar como a teoria de Dotson nos ajuda a detectar quando estamos diante de uma opressão epistêmica e quais caminhos podemos traçar para evitá-la ao máximo. Algumas autoras, como Kimberle Crenshaw, Patricia Hill Collins e Sueli Carneiro, estão engajadas nesse debate crítico, delineando como a interseccionalidade, o feminismo negro e outras abordagens teóricas podem iluminar as complexidades da opressão epistêmica. Explorar essas contribuições e compreender como elas podem ser aplicadas para mitigar a opressão epistêmica é fundamental para promover uma epistemologia mais inclusiva.

Palavras-chave: Opressão epistêmica; Epistemologia; Mulheres negras.

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Maranhão. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

Nome: Carla de Brito Nascimento

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia, bolsista CAPES.

Título: Narrativas de Poder: Escrivência e Feminismo Negro na Filosofia

E-mail: carla.brito@ufu.br

Resumo: Tradicionalmente a filosofia tem sido dominada por vozes e perspectivas eurocêntricas, masculinas e brancas, que muitas vezes marginaliza e silencia vivências e saberes. No entanto, com o surgimento do Feminismo Negro houve um crescimento de movimentos sociais e acadêmicos que desafiam essa hegemonia, destacando a importância de incluir e valorizar perspectivas diversas. Neste contexto, os conceitos Feminismo Negro e Escrivência são abordados como filosofias de libertação, cruciais para a reconfiguração das narrativas de poder dentro e fora dos espaços acadêmicos. À vista disso, este trabalho explora como abordagens distintas podem oferecer uma crítica contundente e transformadora sobre as estruturas de poder que oprimem as pessoas racializadas, destacando a importância de incorporar essas vozes na reflexão filosófica. Abordamos o Dispositivo de Racialidade, conceito desenvolvido por Sueli Carneiro, para entender as diferentes configurações de opressões no contexto brasileiro. Consequentemente, usamos o conceito de Escrivência que foi elaborado por Conceição Evaristo, para ressignificar as vivências e inteligibilidades das pessoas racializadas. Escrivência significa uma forma de escrita que transcende a mera ficção, transformando-se em um ato de resistência e afirmação da identidade. Isso implica em uma escrita que emerge do cotidiano, especialmente das mulheres negras, e que carrega em si as marcas de uma história coletiva de resistência e luta contra a opressão ao mesmo tempo em que deixa aflorar as subjetividades. Conceição Evaristo, incorpora o Feminismo Negro em sua Escrivência e nos oferece uma lente crítica para entender como as estruturas de poder operam de maneira interseccional. Ela destaca que "as opressões não são compartimentos isolados, mas sim forças que se cruzam e reforçam umas às outras" (Evaristo, 2017). Certamente, esta visão desafia a filosofia a repensar suas categorias analíticas tradicionais ao incluir as complexidades das experiências vividas pelas mulheres negras. Portanto, pesquisar à Escrivência e o Feminismo Negro na filosofia não são apenas uma questão de justiça epistêmica, mas também uma forma de enriquecer e aprofundar a compreensão das questões filosóficas fundamentais; Residência Uberlândia, MG- Brasil. A comunicação será realizada no modo remoto pois as narrativas de poder, construídas a partir das experiências e resistências das mulheres negras, oferecem valiosas contribuições para a sociedade. Convidando-nos a reconsiderar conceitos filosóficos como liberdade, justiça e identidade a partir de perspectivas que tradicionalmente foram silenciadas. Em suma, a filosofia deve ser uma prática inclusiva e democrática, que reconhece e valoriza a pluralidade de vozes e experiências. Portanto, integrar a Escrivência e o Feminismo Negro na filosofia é um passo essencial para desafiar e transformar as narrativas de poder que têm moldado o campo acadêmico, e consequentemente, a vida política ao longo da história. Refletir a partir do entendimento do que é Feminismo Negro amplia o escopo da filosofia, mas também a torna mais relevante e responsiva às realidades atuais.

Nome: Lucas Nascimento Machado

Instituição: FFLCH, USP.

E-mail: lucasmachado47@gmail.com

Título: A Filosofia Como Modo de Vida Como Chave de Leitura e Ensino da História da Filosofia

Resumo: Em nossa apresentação, buscaremos mostrar como a concepção do historiador da filosofia antiga e filósofo, Pierre Hadot, sobre a filosofia antiga como “Modo de Vida”, pode servir não apenas para revisarmos a nossa concepção de filosofia hoje, mas também fornecer uma outra maneira de olhar para a história da filosofia e para apresentá-la. Isso porque a concepção da filosofia como modo de vida de Hadot apresenta uma distinção e articulação entre modo de vida filosófico e discurso filosófico que pode servir como base para a compreensão de uma série de debates filosóficos clássicos, não apenas no âmbito das filosofias de origem grega, mas também de outras tradições. Assim, por meio dessa concepção, podemos encontrar elementos comuns entre diferentes tradições que serve tanto para compreender as questões comuns que as mobilizam, como também, ao mesmo tempo, a singularidade e a especificidade da maneira com que cada tradição formula seus posicionamentos diante de tais questões, o que nos permite oferecer um caminho para a apresentação da história da filosofia de um ponto de vista intercultural a partir dos pontos de intersecção entre diferentes culturas, em sintonia com a maneira que Ram Adhar Mall concebe a prática e o ensino da filosofia concebida interculturalmente.

Palavras-Chave: Filosofia Como Modo de Vida, Discurso Filosófico, Modo de Vida Filosófico, História da Filosofia, Ensino de Filosofia

Nome: Matheus Oliva da Costa

Instituição: FFLCH, USP.

E-mail: matheusolivacosta@gmail.com

Título: Experimentos de pensamento no ensino intercultural de Filosofia

Resumo: Parto da perspectiva de que experimentos de pensamento, também chamados de experimentos mentais, são um recurso metodológico para esclarecer pressupostos presentes em uma posição diante de um problema, seja teórica ou prática. Uma das utilidades desse tipo de experimento é poder testar hipóteses que são difíceis ou até inviáveis empiricamente, mas que podem ser pensadas enquanto possibilidades. Outra utilidade é avaliar as consequências acerca dessas hipóteses, explicitando dificuldades naquela linha de raciocínio, desde inconsistências até aspectos ainda não levados em conta. Apesar do termo ser moderno, o uso de experimentos de pensamento ocorre desde a antiguidade, tendo casos clássicos, como a alegoria da caverna de Platão, a criança no poço de Mêncio ou ainda a metáfora da flecha envenenada feita por Buda. Como indicado nos exemplos citados, há experimentos mentais na filosofia produzida em diversos lugares do mundo e já há alguns milênios. No mesmo sentido, defendo uma compreensão mais ampla e inclusiva da Filosofia, que é abertamente intercultural e pluriversal, entendendo que o filosofar é uma capacidade humana que tem o potencial de ser expressa por pessoas de qualquer cultura e tempo que proporcione condições e a necessidade da Filosofia. Por consequência, também o ensino de filosofia pode e deve ser mais intercultural e pluriversal, o que é mais representativo, inclusivo e apresenta maior potencial de romper com preconceitos entre estudantes de filosofia de qualquer ambiente ou nível de ensino. O uso de experimentos mentais de maneira intercultural e pluriversal tem mais potencial para um efetivo ensino do filosofar do que se forem limitados somente ao uso de fontes europeias. Minha contribuição aqui é mostrar como o recurso dos experimentos mentais desde uma perspectiva intercultural podem ser usados para o desenvolvimento do raciocínio dos estudantes de classes de Filosofia.

Palavras-chave: experimentos mentais; interculturalidade; ensino de filosofia

Nome: João Alves de Souza Neto

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Título: Uma concepção de comunidade para o ensino de filosofia em uma perspectiva intercultural

Resumo: Elaboramos, aqui, o conceito de comunidade de problemas para fundamentar uma perspectiva intercultural no ensino de filosofia. Iniciaremos apresentando a nossa posição a respeito do que é Filosofia Intercultural a partir da contribuição de Ram Adhar Mall. Prosseguimos para a contextualização histórica da possibilidade dessa perspectiva filosófica no contexto da globalização, a partir das contribuições de Neil Smith. Visando ampliar a concepção de filosofia intercultural no contexto contemporâneo, dialogaremos com o conceito de obra de pensamento de Marilena Chaui. A partir dessa contribuição, teremos a possibilidade de retornarmos ao diálogo com a geografia a partir de Milton Santos, expondo um aspecto transformador para a filosofia no presente. A filosofia elabora questões que atravessam tanto o tempo quanto o espaço, expondo, continuamente, em sua tarefa, comunidades de problemas que envolvem sociedades históricas diversas.

Palavras-chave: Mundialização; Interculturalidade; Técnica; Contemporização; Cosmopolitismo.

Nome: Amanda Sayonara Fernandes Prazeres

Instituição: Universidade de Passo Fundo (UPF)

Título: Ensino Intercultural de Filosofia: pensando currículo para o Ensino Médio

Resumo: Investigamos a possibilidade de um ensino intercultural de filosofia no Ensino Médio. Estudos anteriores argumentam a necessidade de ampliação do currículo de filosofia e a inclusão da filosofia africana e indígena em respeito à Lei nº 11.645/2008, no entanto, para o exercício de um ensino de filosofia verdadeiramente diverso, defendemos a ampliação deste escopo. Com isso analisaremos estratégias de implementação de um ensino intercultural de filosofia através da ampliação do currículo para um ensino de filosofia verdadeiramente significativo e transformador.

Palavras-chaves: ensino de filosofia; filosofia intercultural; currículo de filosofia

Nome: Vitor Martins Pombo

Instituição: (UFMG)

Título: Uma introdução ao capítulo 21 do Sutra do Diamante: camadas de interpretação da palavra dharma

Resumo: O Sutra do Diamante é um texto budista que pode ser datado aproximadamente entre os anos 300 e 500 d.C. Não possui autor conhecido, nem é atribuído a nenhuma escola budista em particular, fazendo parte da coletânea de textos denominado prajñāpāramitā, atribuída ao movimento mahāyāna. Dadas essas características, pensamos que é muito difícil ou mesmo impossível atribuir uma interpretação unívoca ao texto, estando ele aberto a diversas possibilidades interpretativas. Neste sentido, buscamos algumas possibilidades de interpretação da palavra dharma em seu capítulo 21. O capítulo 21-2 do Sutra do Diamante pode ser assim traduzido para o português: Subhūti, qualquer um que dissesse coisas tais como “O Tathāgata ensinou [sobre o] dharma” não estaria me interpretando corretamente, Subhūti, em razão de aprendizado errado. Por quê? Para o assim chamado “ensinamento [sobre o] dharma”, não existe qualquer dharma que pode ser apreendido chamado “o ensinamento [sobre o] dharma. Nesta comunicação será proposto que no capítulo 21 do Sutra do Diamante a palavra dharma pode ser interpretada simultaneamente como “ente” e como “ensinamento budista”. Ou seja, pensamos ser possível haver duas camadas interpretativas na palavra dharma que, se não podemos afirmar como intencional, ao menos pode ser compreendida como uma possibilidade de interpretação, dado o texto e seu contexto. A interpretação como “ente” realça o ensinamento ontológico do texto, que se manifesta pela forma do chamado método do ensinamento (dharma-paryāya) e implica Palavras chave: Budismo, , Sutra do Diamante, na vacuidade (śūnyatā)

dos entes. A interpretação como “ensinamento budista” destaca o aspecto epistemológico do texto, negando que o pensamento budista (ou mesmo qualquer forma de pensamento) atinja a realidade (entendida aqui em sentido de svabhāva ou essência) dos entes, sendo por isso não um ensinamento que se propõe a explicar o que a realidade é, mas sim uma proposta terapêutica convencional e instrumental para a superação do sofrimento. Propomos que a leitura de dharma como significando “ente” e “ensinamento budista” simultaneamente captura mais correta e amplamente o sentido filosófico do texto. Com efeito, ao longo de todo o Sutra do Diamante se aplica o método do ensinamento (dharma-paryāya) sobre diversos objetos (inclusive no próprio capítulo 21), o qual consiste em 3 partes: a afirmação, a negação e a reafirmação. A afirmação reflete a posição filosófica de que os entes possuem svabhāva, a negação nega (critica) a afirmação e a reafirmação evita que tanto a afirmação quanto a negação redundem em posições tidas por extremas ou absolutistas, respectivamente, a existência de entes com svabhāva e a inexistência de entes. O próprio dharma, no sentido de ensinamento budista linguístico, é um dharma no sentido de ente, sendo vazio e condicionado. Dessa forma, propomos que a compreensão do alcance do ensinamento budista linguístico depende da compreensão da vacuidade dos entes e vice versa, o que é capturado pela interpretação dupla de dharma proposta. mahāyāna dharm.

Nome: Daniel Soares Saldanha

Instituição: Universidade Federal Fluminense

E-mail: danielsaldanha0@gmail.com

Título: A teoria dos dharmas e o seus impactos na filosofia yogacara de Vasubandhu

Resumo: As obras do Abhidharma de Vasubandhu são plenamente conhecidos nos estudos budistas, seja no seu tratado sobre o abhidharma (Abhidharmakosa) ou seu auto-comentário do tratado (Abhidharmakosha-bashya). Nestas obras, Vasubandhu trata de diversos temas que concernem os fundamentos sarvastivadin e suas teses fundamentais, como a tese do não eu (anatman) e os cinco agregados (skandhas). No entanto, ainda são pouco explorados a continuidade e ruptura em sua "mudança" filosófica efetivada por seu irmão Asanga, isto é, quando Vasubandhu se torna um yogacarin, em que medida ele abandona ou dá sequência a pressupostos e fundamentos do abhidharma sarvastivada? Parto do princípio de que as diferentes posições acerca do abhidharma propõem uma busca filosófica a respeito da natureza do mundo com suas devidas particularidades, isto é, uma proposição filosófica que busca satisfazer os fundamentos soteriológicos do budismo. Pretendo abordar unicamente a posição sarvastivada e seus devidos tratados, isto é, o abhidharma desta escola e os comentadores do mesmo. A partir desta investigação, podemos compreender o principal objeto de estudo das fontes sarvastivada: os dharmas. A teoria dos dharmas aponta para uma proposição lógico-epistemológica, isto é, nos damos conta dos conteúdos da nossa percepção momentaneamente de modo que estes instantes se seguem continuamente de maneira causal. Para o abhidharma sarvastivada, tudo o que existe são dharmas (sarvam asti), de modo que se podemos falar de uma metafísica ou uma ontologia neste contexto, estaríamos falando especialmente da teoria dos dharmas, no entanto, evidentemente, não se trata de uma posição metafísica substancialista, mas uma metafísica com uma orientação proponentemente epistemológica ou fenomenológica. A posição yogacara apresentada por Vasubandhu indica que "tudo é mente" (vijñapti-matra), isto é, todos os conteúdos de nossa percepção partem de nossas experiências do mundo, sejam elas individuais, sejam elas coletivas. Ora, se os dharmas são instantes de nossa percepção, para os sarvastivadin, e tudo que percebemos são conteúdos gerados pela nossa própria mente, de que modo estas proposições se articulam, se sabemos que existe uma relação histórica entre estas escolas e teses? A posição yogacara deve, portanto, questionar a teoria dos três tempos sarvastivadin - de que tudo existe em todo instante - de modo a enfatizar a anterioridade da mente em relação à forma como a cognição se dá. A presente apresentação busca investigar e discutir tais relações na filosofia de Vasubandhu, demonstrando possíveis continuidades e possíveis rupturas de modo a elucidar as teses sarvastivada e yogacara à luz de um

pensador que foi de importância no meio intelectual destas diferentes escolas, além de buscar articular possíveis perspectivas a respeito da metafísica no budismo abhidharma e yogacara.

Palavras-chave: Epistemologia, yogacara, abhidharma, cognição.

Nome: Artur Ribeiro de Mendonça Cardoso

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: artur.rmcardoso@hotmail.com

Título: Nishida, Hegel e a dialética entre o ser e o nada

Resumo: A grande influência de Hegel sobre a filosofia de Kitaro Nishida (西田幾多郎 1870-1945), principal figura da Escola de Quioto, é um fato conhecido. Em seu ensaio *Basho* [場所], Nishida faz diversas afirmações que o aproximam da filosofia hegeliana. Contudo, o nome de Hegel é textualmente citado em apenas um momento do ensaio: quando Nishida recupera a dialética entre o ser e o nada, construída por Hegel no início da *Ciência da Lógica*, para explicar como ser e nada podem ser uma só e mesma coisa. Contudo, o “nada” hegeliano, que estaria oposto ao “ser”, não é o único para Nishida. O “verdadeiro nada”, ou “nada absoluto” [絶対無], emerge no ensaio a partir da necessidade de toda relação entre objetos estar situada num lugar que, por sua vez, não se trata de um mero espaço físico, mas de algo como uma necessidade lógica: ao conceber um sistema único de objetos e relações, precisamos considerar que ele deve estar situado em um *basho* [lugar]. Em relação ao ser e ao nada, o verdadeiro nada ocupa essa função de *basho*. Em outras palavras, o verdadeiro nada não seria a ausência do ser, mas estaria em uma posição mais fundamental: ele seria o *lugar* onde a relação entre o ser e o nada existe. Portanto, podemos dizer que Nishida propõe uma noção de “nada” que seria anterior àquela que Hegel nomeia do início de sua *Lógica*, e é essa comparação que pretendo explicitar neste trabalho. Partindo de uma apresentação da dialética hegeliana entre o ser e o nada, podemos compreender como, para Hegel, trata-se da relação mais fundamental. Afinal, segundo o próprio Hegel, o “ser” é o que há de mais abstrato na história da filosofia, tornando ele e sua relação dialética com o “nada” os elementos mais adequados para fundamentar o início da lógica hegeliana. Porém, se para Hegel o ser e o nada (oposto a ele) são o que há de mais fundamental, Nishida discordaria. Nesse momento adentro no segundo momento da apresentação, em que procuramos compreender a condição colocada por Nishida de que os objetos e as relações que eles estabelecem devem existir em um *basho*, e como isso torna o “verdadeiro nada” um elemento ainda mais fundamental que o “nada” hegeliano. A partir desse caminho, poderemos especular acerca das novas potencialidades que a colocação de Nishida coloca diante da filosofia hegeliana.

Palavras-chave: Nishida; Hegel; Nada; Dialética; Quioto.

Nome: João Vítor Leal Sant’ Anna

Instituição: UFMG

E-mail: joaovitor_leal@hotmail.com

Título: Nagarjuna Quântico?

Resumo: Recentemente, pode-se perceber que alguns físicos e filósofos da física de renome, tais como Michel Bitbol e Carlo Rovelli, têm se apropriado do pensamento de Nagarjuna, enquanto arcabouço conceitual para se pensar e (re) articular os fundamentos ontológicos da mecânica quântica. Eles creditam a si próprios uma longa distância perante as empreitadas do século passado, a partir das quais se desdobravam comparações entre física de partículas e misticismo oriental. Acusam que esse movimento foi instituído sob uma atmosfera New Age, a qual mobilizava apenas analogias superficiais entre o pensamento indiano antigo e a física teórica contemporânea. Em consonância com essa linha de raciocínio, Bitbol e Rovelli pretendem fornecer um novo panorama, de modo com que

evitam meros paralelismos e almejam identificar ferramentas conceituais presentes na filosofia budista capazes de iluminar, sob outros ângulos, aspectos da mecânica quântica até então obscuros. A presente comunicação objetiva analisar esse empreendimento intelectual, no entanto, mediante um recorte bem específico: debruçar-se-á sobre a interpretação relacional da mecânica quântica cunhada por Carlo Rovelli e sua relação com o pensamento de Nagarjuna. Rovelli adota uma posição, segundo a qual a função de onda não pode ser tomada realisticamente. Ademais, assegura que as propriedades físicas (será que todas?) são, fundamentalmente, relacionais, isto é, as propriedades não são inerentes aos objetos, mas se dão a partir das relações que estabelecem entre si. Para tanto, Rovelli compromete-se com uma visão “realista fraca”, amparando-se em ontologia de sistemas. Ele instrumentaliza explicitamente Nagarjuna ao advogar em favor da tese de que as propriedades físicas nos sistemas quânticos não possuem uma natureza intrínseca, ou seja, não possuem uma existência autônoma e independente. Defronte a isso, Rovelli apela para o conceito de vacuidade, tendo em vista que sua asserção perpassa pela ideia de que as propriedades são vazias de substância, desprovidas de *svabhava*. Apela também para o conceito de cooriginação dependente, uma vez que este sugere o estado de condicionalidade, a interdependência entre todas as coisas. O propósito dessa comunicação consiste em apresentar sucintamente essa interpretação relacional da física quântica desenvolvida por Rovelli e em delinear brevemente o pensamento de Nagarjuna para, por fim, averiguar se a manipulação desses conceitos budistas (inseridos no contexto *Madhyamaka*) operacionalizada pelo físico italiano é procedente ou não. Até que ponto há uma compatibilidade? Essa indagação sintetiza o objeto de investigação deste trabalho. Argumentar-se-á que Rovelli avança a interpretação semântica de Garfield e Siderits e que, em virtude disso, rechaça a existência do que se pode chamar de Verdade Suprema. Se esse, de fato, fosse o caso, então haveria um elemento favorável para a compatibilização. Contudo, se a interpretação realístico-antimetafísica de Giuseppe Ferraro for defendida, o projeto de conciliação conceitual enfrentará um desafio maior. Portanto, este trabalho irá se ater às noções de realismo, duas verdades e propriedades, tentando compreender a extensão da viabilidade dessa apropriação do pensamento nagarjuniano por parte de Rovelli.

Palavras-Chave: Mecânica Quântica; Interpretação Relacional; Nagarjuna.

Nome: Felipe Ferrari

Instituição: Universidade de Yokkaichi, Japão

Título: O colonizador colonizado: o Niponismo como uma forma Fascismo em “A Ideologia Japonesa” de Tosaka Jun

Resumo: Crítico de Nishida Kitarō [西田幾多郎](1870-1945) e Tanabe Hajime [田辺元](1885-1962) que, em seu ponto de vista, influenciou a ideologia militarista do Japão no início do século 20, o filósofo e economista marxista Tosaka Jun [戸坂潤] (1900-1945) fundou, em 1932, o Grupo de Estudos Materialistas [唯物論研究会] e a revista relacionada Estudos Materialistas [唯物論研究]. Em 1934, no entanto, Tosaka foi demitido de todos os seus cargos acadêmicos e o grupo de estudo e o jornal foram finalmente forçados a se dissolver em 1938. Antes disso, no entanto, em 1935, Tosaka publicou *The Japanese Ideology* [日本イデオロギー論], no qual, inspirado por A Ideologia Alemã de Karl Marx, ele examinou o nacionalismo e o liberalismo japoneses contemporâneos de um ponto de vista materialista. O objetivo desta apresentação é apresentar o pensamento de Tosaka a um público mais amplo e explicar como ele criticou a classe dominante japonesa e seu controle da mídia de massa e denunciou o niponismo como uma forma de fascismo em seu trabalho.

Nome: Joaquim Monteiro

Instituição: Universidade de Komazawa

Título: Marx e Shinran: rumo a uma filosofia mundial

Resumo: Entendemos por filosofia mundial no contexto desta apresentação uma forma de ser da filosofia que desenvolve um elevado nível de rigor teórico a partir das reflexões sobre as contradições de seu universo histórico de origem e que ultrapassa os limites deste mesmo universo exercendo influência sobre outros universos históricos transformando sua perspectiva ao mesmo tempo em que é transformada pelos pensamentos destas outras formações históricas. Não se trata aqui nem da filosofia como representante de uma cultura determinada nem de uma pura e simples apologia ao relativismo cultural. No contexto da filosofia europeia Marx é o maior representante desta forma de ser da filosofia. Seu pensamento ultrapassou as fronteiras do universo europeu, influenciou de forma decisiva o pensamento de países como a China, o Vietnã e o Japão e foi profundamente transformado pelo pensamento filosófico destas culturas. Coloca-se aqui então o seguinte questionamento: qual seria o pensamento na história da filosofia japonesa capaz de exercer uma influência mundial, incluindo nos conflitos do mundo contemporâneo, transformando o pensamento de outros universos culturais e sendo por eles influenciado? Parece-nos que Shinran (1173-1262) é sem dúvida alguma o candidato mais promissor no contexto da filosofia japonesa. Seu pensamento pode ser caracterizado como uma hermenêutica crítica com um elevado grau de rigor, exerceu uma influência decisiva nas revoltas camponesas que se constituíram como o momento mais decisivo na história do povo japonês e aponta para a superação de si mesmo em contextos como o latino-americano. Sua visão da história aponta para uma lógica da ruptura histórica para além tanto das teleologias históricas de caráter linear quanto das narrativas da decadência e esta ruptura se expressa de forma bastante sistemática nas páginas do "Ken Jodo shinjitsu Kyogyoshinsho monrui", sua obra principal.

Nome: Takeshi Morisato

Instituição: University of Edimburg

Título: Decolonising the Empires with Indigenous and Japanese philosophies : Beyond the Binary of the Peripheral and the Centre

Resumo: The purpose of this presentation is three-fold: first, it is give an introduction to the ongoing project of “decolonising the curriculum” in the UK/European academia. In this section, we will talk about the inception of world philosophies in the land of pure analytic philosophy and the socio-political background that enabled this miraculous glitch of the peripheral to take place in the empire of the centre. Second, we will examine the structural problems that impede the development of world philosophies in the context of European academia and other problems of approaching the periphery without falling victim to the problem of “mercantile philosophy.” Lastly, we will talk about how indigenous philosophies in Brazil have already offered a number of ways to think about our liberation from the colonial framework of European philosophy and how their ecologically advanced self-consciousness shows a deep resonance with some of ideas developed in the 20th century Japanese philosophy. By taking these three steps, we will see how we can decolonise the philosophy curriculum in the UK academia and beyond.

Nome: Diogo Cesar Porto da Silva

Instituição: UFRJ - CNPq

Título: Escola de Quioto: uma revisão para aquém e além do “Nada Absoluto”

Resumo: A Escola de Quioto, por mais que seja a mais conhecida expressão de uma filosofia original do Japão moderno, carece de definição e delimitação precisas. Muito dessa opacidade se deve ao fato de não ter sido concebida como uma escola filosófica pelos seus principais expositores: Nishida Kitarō, Tanabe Hajime e Nishitani Keiji. Coube aos seus alunos e pesquisadores posteriores a tarefa de

definir o ponto em comum que une o pensamento dos seus membros, assim como a determinação dos seus membros. A presente exposição tem por objetivo explorar nas consagradas tentativas de definição e delimitação da Escola traços que nos auxiliem a entendê-la nos seus efeitos e resultados históricos – sejam esses intencionados ou não pelos seus partícipes. Dessa forma, “Escola de Quioto” se converteria em uma chave hermenêutica através da qual podemos compreender os esforços filosóficos dos textos que a compõe na medida em que determinam e consolidam os efeitos históricos que ela legou. Por fim, argumentaremos que o efeito/resultado histórico central da Escola de Quioto foi o de se sobressair na disputa pela fundamentação filosófica da cultura japonesa. Nesse sentido, reconhecemos em Tosaka Jun os antecedentes que embasam nossa aproximação.

Nome: Carlos Andrés Barbosa Cepeda

E-mail: carlos.barbosa@gmail.com

Instituição: Universidad Pedagógica Nacional de Colombia

Título: O que significa entender? Reconsiderar a perspectiva conceitualista da compreensão desde Nāgārjuna

Resumo: O que significa entender? Que implicações tem a noção de compreensão para o ensino? A pergunta parece muito abstrata e, por tanto, extremamente difícil de pensar. É fácil suspeitar que o interrogante esconde o risco de entrarmos nos perigos dos conceitos autorreferentes: não é verdade que ao pensar na compreensão estamos tentando compreender o compreender e, assim, acabamos andando em círculos? Porém, o assunto é de vital importância para considerar quais são as possibilidades do ato mesmo de ensinar e as estratégias adequadas para isso. Uma razão específica para pensar o problema é que provavelmente o ensino (tal como é praticado tanto nas escolas quanto fora delas) seja concebido de um modo que obstaculiza a sua própria realização. De um ponto de vista moderno, aprender e captar conceitos e ensinar é *transmitir* tais conceitos, pois —continua o argumento— entender não é outra coisa do que possuir os conceitos que *contêm* a compreensão correta das coisas. Mas é essa uma descrição adequada do que acontece na compreensão? Acontece às vezes que um matemático, por exemplo, pode aprender a demonstração de um teorema e até explicá-lo a outrem, e com tudo ter a incontestável sensação de não *compreender* o teorema. E quando chegar essa compreensão, o único que pode dizer é “ah, entendi!” Por outro lado, quando uma pessoa experimenta compreender profundamente um assunto, é comum que depois dedique enormes esforços a encontrar as palavras precisas para *transmitir* aquilo que compreendeu. Mas, como é isso possível, se supostamente os conceitos *contêm* a compreensão? As considerações anteriores sugerem que compreender não consiste em ter os conceitos continentes da compreensão pela simples razão de que isso não é o que os conceitos fazem. Seria melhor enxergá-los como instrumentos que facilitam a compreensão: coisa muito diferente. Isso é, pode-se argumentar, o que mostra o antigo filósofo budista Nāgārjuna sobre a compreensão. O intuito da presente proposta é refletir sobre a possibilidade de repensar a compreensão a partir do modo como Nāgārjuna reorienta a linguagem: deixa de ser considerada como espelho das coisas e passa a ser uma “caixa de instrumentos” que nos permite atingir a compreensão delas. Não pode ser espelho porque as palavras e os conceitos —em geral, quaisquer diferenciações— podem expressar a verdade somente de maneira convencional (*saṃvṛti satya*) mas não de acordo como as coisas como são elas mesmas (*tathatā*). No entanto, a verdade convencional é indispensável para atingir essa verdade das coisas mesmas, ou seja, a verdade no sentido último (*paramārtha satya*). Eis a essência da compreensão de acordo com Nāgārjuna. Os conceitos apenas nos proveem de descrições e explicações convencionais, por tanto provisionais: porém, ainda podem ser úteis enquanto instrumentos ou meios (*upāya*) que, se habilmente utilizados, resultam indispensáveis para atingir a compreensão final. A implicação para o ensino é que a tarefa do professor não é transmitir conceitos: aliás, deve utilizar os conceitos habilmente a fim de provocar a compreensão no estudante. Mas aqui não pode haver transmissão de conhecimento através de conceitos: só pode ser uma transmissão através da atividade mesma de ensinar e aprender.

Palavras-chave: budismo, habilidade nos meios, Nāgārjuna, vacuidade, compreensão, educação

Nome: Yuet Keung Lo

Título: Chinese Philosophy in Living Fossils: What the Sinitic Graphs Could Tell Us

Instituição: National University of Singapore

Resumo: Non-phonetic in nature, the Chinese language is represented by the Sinitic graph whose meaning comprises its form and sound. While pronunciation would change over time and place, the formal features of a graph would remain relatively stable and persisted against historical vicissitudes. Combined in various ways and integrally related, form and sound each leave important clues for the resultant meaning of the graph they form. Read and interpreted holistically as a system of symbols, the Sinitic graphs could reveal much about the Chinese worldview and the values of a meaningful life in early China, which continued to evolve and adapt to changing circumstances and over the long course of history. Yet, much of the essential characteristics of Chinese thinking stays true to their roots even today. As such, the Sinitic graphs function like living fossils. This paper will identify a number of Sinitic graphs that are fundamental to early Chinese thinking including Confucian and Daoist philosophy and illustrate that subtle nuances of native Chinese philosophy will be easily lost if proper appreciation of the Sinitic graph is lacking.